



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS**  
**CURSO DE LETRAS INGLÊS**

**A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS CEGOS E COM BAIXA  
VISÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA**

**RODRIGO POZZOBON DE ALBUQUERQUE LIMA**

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Betânia Passos Medrado

**JOÃO PESSOA**

**2020**

RODRIGO POZZOBON DE ALBUQUERQUE LIMA

**A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS CEGOS E COM BAIXA  
VISÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês.

**Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>a</sup> Betânia Passos Medrado**

JOÃO PESSOA

2020

RODRIGO POZZOBON DE ALBUQUERQUE LIMA

**A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS CEGOS E COM BAIXA  
VISÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras no Curso de Letras-Inglês, da Universidade Federal da Paraíba.

Data da aprovação:

11/08/2020

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Betânia Passos Medrado  
Orientadora  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Angélica Araújo de Melo Maia  
Examinadora  
Universidade Federal da Paraíba

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Lynn Reichmann  
Examinadora  
Universidade Federal da Paraíba

Lima, Rodrigo Pozzobon de Albuquerque

A aprendizagem de língua inglesa de alunos cegos e com baixa visão em um contexto de pandemia / Rodrigo Pozzobon de Albuquerque Lima. - João Pessoa, 2020.

70f.

Orientadora: Betânia Passos Medrado

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA

1. 2. 3. 4.

UFPB/BC

CDU:

*“Eles só têm que  
lembrar da gente! A  
questão é só lembrar,  
sabe?!?”*

(Márcia, aluna do  
ICPAC)

## AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer aos meus pais, pois sem eles eu não teria tido acesso à educação.

Aos alunos do ICPAC, que se disponibilizaram a participar de minhas entrevistas e que servirão de estímulo para que eu sempre continue tentando ser um professor melhor.

À minha orientadora, Betânia Passos Medrado, que sempre se demonstrou paciente, cuidadosa e sábia em suas orientações.

À Rosycléa Dantas Silva, por ter me proporcionado as experiências necessárias para que eu decidisse escrever este trabalho.

Aos meus professores da graduação, Anderson Souza, Carmen Sevilla, Mariana Perez, Renata Gomes, Carla Reichmann, Angélica Araújo, Bárbara Cabral, dentre outros, pelas aulas inspiradoras.

Aos ex-coordenadores do Idiomas sem Fronteiras, Edmilson Borborema, Cláudia Caminha e Elaine Espindola, pela oportunidade de participar da maior experiência docente que tive até então em minha vida.

À Camila Siqueira, por toda a paciência e gentileza ao tirar minhas dúvidas na coordenação de Letras.

Aos meus amigos, da *internet* e da “vida real”, Igor, Guilherme, Raquel, Danilo, Isabor, Arlete, Tammara, Isabella, Amália, Thamires, Maria Bruna. Déborah, Raíssa, Bárbara, Dimitri, Rogéria, Possatti, Stephany, Adalberto, Monique, Djeanne, Nonô, Livia, Raianne, Janaína, Arthur, Marcelle, dentre outros, por aguentarem meus surtos e me fazerem rir.

## RESUMO

Em um contexto atípico de isolamento social devido à pandemia de COVID-19, a educação no Brasil teve que se adaptar às novas dinâmicas de salas de aulas virtuais. Professores e alunos precisaram intensificar o uso de tecnologias para que a comunicação e o ensino remoto acontecessem de alguma forma. Fatores financeiros podem afetar diretamente a qualidade da conexão professor-aluno em um país como o Brasil, onde desigualdades sociais são presentes. Equipamentos como computadores, *smartphones*, *tablets*, bem como acesso à *internet* são bens caros e muitos brasileiros podem acabar sendo excluídos do processo educacional por não terem condições financeiras de comprá-los. Dando ênfase a essas questões, este trabalho tem como objetivo investigar como quatro alunos de inglês, cegos e de baixa visão, do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC) estão compreendendo o processo de aprendizagem remoto de língua inglesa em suas escolas.. A fim de alcançar o objetivo desta pesquisa, utilizou-se, como base teórica, literatura sobre educação inclusiva (COLL *et al*, 2004; DANTAS. e MEDRADO, 2012, 2014, 2019; MOTTA, 2004), como também sobre ensino remoto (HAGUENAUER, 2005; NÓVOA, 2020. e HODGES *et al.*, 2020) e leis brasileiras (BRASIL, 1988; 2001; 2015, dentre outras). O *corpus* é constituído por quatro entrevistas semiestruturadas feitas com quatro alunos de inglês com deficiência visual. Através da análise qualitativo-interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008) dos dados, chegou-se à geração de duas categorias referentes ao ensino remoto para alunos com deficiência visual: compreensões da acessibilidade às aulas remotas e compreensões da própria aprendizagem durante a pandemia. Os resultados demonstraram que os alunos com deficiência visual estão atentos à assistência dada por suas escolas, bem como possuem consciência de formas para melhorar o ensino remoto oferecidos.

**Palavras-chave:** deficiência visual; ensino remoto; língua inglesa; ensino inclusivo; pandemia.

## ABSTRACT

In an atypical context of social distancing caused by the COVID-19 pandemic, the Brazilian Educational system had to be adapted to new dynamics of virtual classrooms. Teachers and students had to intensify the use of technologies to make remote education happen. Financial factors can directly affect the connection quality between teacher and student in a country like Brazil, known for its social inequalities. Equipment such as computers, smartphones, tablets and the internet itself are expensive goods for a large number of Brazilians. These people are going to end up not being able to afford all the digital technologies needed, which will lead them to more inequalities and exclusion from the educational system. Taking into consideration these aspects, this work focus on investigating how four visually disabled English students understand their English learning process during online classes from their schools. As a theoretical base to this research, authors related to inclusive education were mentioned (COLL *et al*, 2004; DANTAS. and MEDRADO, 2012, 2014, 2019; MOTTA, 2004), authors known for their knowledge about remote education (HAGUENAUER, 2005; NÓVOA, 2020. and HODGES et al., 2020), as well as the Brazilian Constitution (BRASIL, 1988; 2001; 2015, etc). A qualitative-interpretative investigation (BORTONI-RICARDO, 2008) took place, in which four visually disabled English students were interviewed to generate data about the Brazilian remote educational system. The data was organized into two categories referring to the *online* educational system: comprehensions of the accessibility in remote education and comprehensions of students' own learning process during the pandemic. The results showed that the visually impaired students were aware of the assistance given by their schools, as well as conscious about ways to improve it.

**Keywords:** visual disability; remote education; English as a second language; inclusive education; pandemic.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                           |           |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                    | <b>9</b>  |
| <b>1. DISCUTINDO QUESTÕES DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM TEMPOS DE PANDEMIA.....</b>                    | <b>13</b> |
| 1.1 UM BREVE OLHAR SOBRE AS LEIS DE INCLUSÃO.....                                                                         | 13        |
| 1.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL.....                                                           | 18        |
| 1.3 PROFESSORES E O ENSINO REMOTO.....                                                                                    | 20        |
| <b>2. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....</b>                                                                        | <b>26</b> |
| 2.1 NATUREZA DA PESQUISA.....                                                                                             | 26        |
| 2.2 INSTRUMENTO PARA GERAÇÃO DOS DADOS: A ENTREVISTA.....                                                                 | 27        |
| 2.3 CONTEXTO DE PESQUISA E COLABORADORES.....                                                                             | 28        |
| 2.4 PROCEDIMENTOS E CATEGORIAS DE ANÁLISE.....                                                                            | 30        |
| <b>3. A PERCEPÇÃO DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA.....</b> | <b>32</b> |
| 3.1 COMPREENSÕES DA ACESSIBILIDADE ÀS AULAS REMOTAS.....                                                                  | 32        |
| 3.2 COMPREENSÕES DA PRÓPRIA APRENDIZAGEM DURANTE A PANDEMIA.....                                                          | 38        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                          | <b>44</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                   | <b>47</b> |
| <b>APÊNDICES.....</b>                                                                                                     | <b>51</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                                                                        | <b>70</b> |

## INTRODUÇÃO

Com a chegada do COVID-19 no Brasil, em março de 2020, toda a dinâmica escolar precisou ser repensada para se adaptar às novas medidas de prevenção de contágio da doença. Os professores estão tendo que rever seus conhecimentos sobre as ferramentas educacionais digitais para conseguir lecionar virtualmente, já que aulas presenciais são vistas como formas de aglomeração e podem levar à contaminação de um grande número de pessoas.

Alguns professores fazem aulas por meio de plataformas que permitem videochamadas, outros preferem elaborar videoaulas. Nesse último caso, os professores têm que se preocupar com o conteúdo de suas aulas, questões de edição de vídeo e noções sobre melhores maneiras de se portar em frente a uma câmera. Pode-se perceber que o momento atual precisa ser tratado como uma grande experiência de aprendizagem, pois dificilmente se retornará a algo que um dia foi chamado de “normal”.

Este cenário atual é altamente excludente para vários grupos de pessoas. Por exemplo, pessoas de baixa renda, pois elas necessitam de uma boa internet, um computador ou celular para que as aulas aconteçam com qualidade. Mesmo que o professor tenha acesso aos equipamentos necessários, se os alunos não possuírem condições mínimas para comprar um *smartphone* e navegar pela *internet*, a aula pode não acontecer. Muito menos adianta ter o aluno conectado ao computador, de frente para a videochamada ou videoaula, quando ele está com fome e em um local não apropriado para seu processo de aprendizagem.

De acordo com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, muitos estudantes têm sua principal refeição do dia em suas unidades de ensino<sup>1</sup>. Não adianta ter uma aula *online*, se o aluno não consegue se concentrar em seus estudos, já que sua família faz barulho nos cômodos ao lado. Não adianta o professor exigir foco total de seu aluno, quando o cenário político brasileiro em nada favorece a sanidade mental dos brasileiros.

Além da luta contra o COVID-19, o brasileiro precisa ser capaz de lutar contra esferas que supostamente deveriam estar a seu favor, como o próprio Ministério da Educação, que tentou fazer com que o ENEM acontecesse, mesmo sabendo que boa parte dos estudantes

---

<sup>1</sup> Matéria sobre alimentação de estudantes de escolas públicas. Disponível em: <https://www.fn.de.gov.br/index.php/acesso-a-informacao/institucional/area-de-imprensa/noticias/item/13447-estudantes-da-rede-p%C3%BAblica-v%C3%A3o-receber-kits-da-alimenta%C3%A7%C3%A3o-escolar>. Acesso em 21/07/2020

brasileiros de escolas públicas tiveram seus estudos totalmente prejudicados por causa da pandemia. Nas palavras do ex-ministro Weintraub, em entrevista para a CNN Brasil, “A prova não é feita para atender às injustiças sociais e, sim, para selecionar os melhores candidatos”<sup>2</sup>. Esta fala escancara a falta de comprometimento da esfera federal com a educação inclusiva, haja vista que seu foco não é ajudar pessoas mais carentes a ter acesso à educação, mas apenas selecionar aqueles que sempre tiveram privilégios.

Como se não fosse suficiente o bombardeamento de informações sobre política e economia que cai sobre os brasileiros, as fake news são difundidas com a mesma velocidade, ou até mais rapidamente que o próprio vírus, e requerem uma filtragem das informações por parte de todos. A saúde mental, emocional e física de um brasileiro informado está abalada e exigir que se tenha determinação e vontade de estudar a todo o momento é desumano. Além disso, estudar não deve ser visto como uma atividade feita só por alunos; os professores também estão tendo que se atualizar sobre as novas formas de ensino virtual, e isto gera muito estresse e frustrações.

Estas situações vividas na atualidade, por si só, geram dificuldades para alunos e professores sem nenhuma deficiência física e intelectual, e muito mais para pessoas com deficiência. No caso de pessoas cegas e de baixa visão, por exemplo, não ter aulas presenciais gera diversos tipos de barreiras em seus processos de aprendizagem, pois estes alunos precisam de estímulos táteis ou até olfativos para um melhor aprendizado (DANTAS, 2014; MEDRADO, DANTAS, 2014), atividades elaboradas de acordo com suas necessidades, professores preparados e capazes de produzir materiais didáticos específicos (DANTAS, MEDRADO, 2019). Para quem tem visão, já pode ser difícil se concentrar em frente ao computador ao assistir uma videoaula ou chamada de vídeo, tornando ainda mais desafiador para os professores de alunos cegos desenvolverem aulas dinâmicas e que prendam a atenção de seus alunos apenas com o uso de suas vozes. De acordo com um estudo realizado pela *Microsoft*<sup>3</sup>, o intervalo médio de atenção dos humanos caiu de 12 segundos no final do século passado para oito segundos no novo milênio. O ser humano que costuma passar boa parte do dia em contato com equipamentos digitais acaba consumindo muita informação e se estressando com o passar das horas.

---

<sup>2</sup> Para visualizar entrevista na íntegra, acessar o link : [https://www.youtube.com/watch?v=XybB1Y0\\_0M4](https://www.youtube.com/watch?v=XybB1Y0_0M4)

<sup>3</sup> Matéria sobre intervalo médio de concentração do ser humano  
concentração<https://www.bbc.com/portuguese/geral-36785916>

Após ter a experiência de desenvolver um dos Estágios Supervisionados obrigatórios no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC), em 2019, a percepção de educação inclusiva se expandiu e um desejo de formação docente capaz de ensinar pessoas com deficiências surgiu. Boa parte dos professores não possui experiência de ensino a pessoas com deficiências e acaba visualizando um desafio muito maior do que o real ao se depararem com um aluno cego ou de baixa visão pela primeira vez em seus trabalhos. Ter uma experiência prévia, ainda na graduação, de ensinar alunos com deficiências é uma ótima maneira de se quebrar tabus sobre essas pessoas que possuem tantas capacidades, potencialidades e habilidades quanto qualquer outra pessoa sem deficiência.

Observar e participar das aulas da professora colaboradora Dra. Rosycléa Dantas Silva<sup>4</sup> na escola campo de estágio serviu como forma de inspiração para que fosse tomada a decisão de escrever este trabalho sobre o processo de aprendizagem de alunos cegos. Dar voz aos próprios alunos cegos e de baixa visão do ICPAC, bem como tentar entender como eles estão estudando a língua inglesa neste espaço de tempo servirá para futuras discussões sobre como a educação inclusiva acontece no Brasil.

Toda a inquietação que uma pandemia e um desgoverno propiciam, bem como a experiência no ICPAC, gerou as questões de pesquisa deste trabalho, conforme se destaca a seguir:

- De que maneira alunos cegos e de baixa visão compreendem a assistência que as escolas estão lhe fornecendo em tempo de pandemia?
- Quais são as estratégias e ferramentas utilizadas por alunos cegos e de baixa visão para estudar a língua inglesa nesse período?
- De que modo os alunos entendem que os professores podem criar aulas *online* que favoreçam a aprendizagem da língua inglesa de pessoas com deficiência visual?

---

<sup>4</sup> Professora de inglês voluntária do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha entre os anos de 2012 e 2020. A professora Rosycléa tem larga experiência com o ensino de língua inglesa a alunos com deficiência visual, tendo publicado vários artigos, livro e tese sobre a temática. Sua tese é intitulada “As metamorfoses da formação: Experiência com alunos com deficiência e desenvolvimento profissional ético. Disponível em: [https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/20192010739f11129601606ec9c04d702/Tese\\_Dantas\\_2019.pdf](https://sig-arq.ufpb.br/arquivos/20192010739f11129601606ec9c04d702/Tese_Dantas_2019.pdf). Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

Para tanto, essas questões visam responder ao seguinte objetivo geral: investigar como quatro alunos de inglês, cegos e de baixa visão, do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC) estão compreendendo o processo de aprendizagem remoto de língua inglesa em suas escolas. Esse objetivo geral é desmembrado em objetivos específicos, quais sejam: discutir a compreensão que os alunos têm da assistência especial que suas escolas estão fornecendo em relação ao cumprimento do ensino remoto; analisar como os alunos estão estudando inglês e quais ferramentas utilizam; refletir sobre alternativas para um melhor ensino remoto de inglês para pessoas cegas e de baixa visão.

Este trabalho de conclusão de curso está estruturado em uma introdução, três capítulos e as conclusões finais. Nesta primeira introdução, visou-se dar um panorama geral do momento atípico que está ocorrendo na educação e informar a fonte de inquietação que gerou este trabalho. No primeiro capítulo, leis de acessibilidade para pessoas com deficiência, bem como temas relacionados ao ensino remoto serão evidenciados. No segundo capítulo, a metodologia que foi utilizada para analisar os dados será exposta. No terceiro capítulo, excertos das entrevistas serão interpretados à luz do embasamento teórico advindo do primeiro capítulo. Por último, trará as considerações finais, ou seja, o que foi entendido ao investigar sobre o ensino remoto para alunos com deficiência visual.

## **1. DISCUTINDO QUESTÕES DE INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Para melhor organizar as reflexões referentes ao ensino remoto de pessoas com deficiência visual, este capítulo foi dividido em três seções. A primeira seção trata das leis atreladas ao ensino de pessoas com deficiência; a segunda revela formas pelas quais pessoas cegas e com baixa visão são estimuladas em seus processos de aprendizagem e a terceira foca no papel dos professores de pessoas com deficiência visual, nas ferramentas digitais que podem ser utilizadas para facilitar a aprendizagem de alunos com deficiência visual, bem como no olhar para o futuro da educação pós pandemia, pós isolamento social.

### **1.1 UM BREVE OLHAR SOBRE AS LEIS DE INCLUSÃO**

A história pela conquista de direitos para pessoas com deficiência foi lenta e, até os dias atuais, continua a batalha para que esses direitos sejam assegurados. Sabe-se que as questões sobre inclusão de pessoas com deficiência começaram a ser discutidas em documentos como a Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994) e a Declaração da Guatemala (UNESCO, 1999). Entretanto, devido ao caráter do presente trabalho, preferiu-se dar um foco maior à legislação brasileira existente, sem jamais menosprezar o valor dos documentos estrangeiros supracitados.

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, deverá ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988). No Art. 206, explicita-se a necessidade dos princípios de “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, bem como a “garantia de padrão de qualidade” desta permanência. Obviamente, em detrimento da pandemia e dos riscos de contaminação por COVID-19, muitas escolas tiveram que adaptar suas formas de ensino, e alunos cegos e com baixa visão também estão tendo que se adaptar a este contexto.

No inciso III, do Art. 208 da Constituição Federal, fala-se sobre o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de

ensino”. Em um contexto de pandemia, é necessário saber como está ocorrendo esse atendimento educacional especializado<sup>5</sup>, pois de acordo com o Art. 208, parágrafo 2º, “O não-oferecimento do ensino obrigatório pelo Poder Público, ou sua oferta irregular, importa responsabilidade da autoridade competente”. Os alunos com deficiências têm o direito previsto por lei à Educação e cabe à sociedade fiscalizar como esse ensino está ocorrendo, a fim de notificar as autoridades competentes, caso o acesso à educação não esteja acontecendo de maneira adequada.

Foi em 2001, com as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001) que as escolas regulares tiveram a responsabilidade de receber alunos com deficiência de maneira a suprir suas necessidades enquanto indivíduos com deficiência. De acordo com o Art. 3º deste documento, entende-se educação especial como:

(...) um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Ou seja, a lei brasileira demonstra ser muito abrangente e atenta às necessidades educacionais específicas que alguns alunos com deficiência possuem, entretanto, não se pode dizer que essa lei é cumprida por todas as unidades educacionais brasileiras, já que muitos professores não têm formação docente especializada para atender a este público específico. Basta pensar no currículo de Licenciatura em Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba<sup>6</sup>, onde em nenhum momento existe uma disciplina obrigatória de Braille, para que os professores em formação tenham conhecimentos básicos e saibam ler atividades de possíveis alunos cegos.

Ainda no Art. 7º das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (BRASIL, 2001), “O atendimento aos alunos com necessidades educacionais especiais

---

<sup>5</sup> AEE: O atendimento educacional especializado (AEE) é um serviço da educação especial que identifica, elabora, e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas" (SEESP/MEC, 2008).

<sup>6</sup> Projeto Pedagógico do Curso de Letras Inglês disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ccl/contents/menu/documentos-1/ppc-projeto-pedagogico-do-curso-de-letras-2006>. Acesso em 30/07/2020.

deve ser realizado em classes comuns do ensino regular, em qualquer etapa ou modalidade da Educação Básica”. Pode-se ver que as escolas têm a obrigação de prover um ensino inclusivo e de qualidade a todos, ou seja, é dever da escola ter planos de ensino que sejam feitos ou se adaptem aos alunos com deficiência.

É importante mencionar, igualmente, os seguintes marcos regulatórios: a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015).

A Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC) menciona de forma superficial o aspecto de educação inclusiva. Ela visa assegurar que a educação básica ocorra de acordo com currículos pré-estabelecidos, mas permite que as redes de ensino, pública e privada, tenham autonomia para adaptar seus conteúdos às diferentes realidades de seus alunos. A interação entre escola e famílias dos alunos é essencial na tomada de decisão de quais conteúdos serão abordados, na contextualização e formas de apresentar o assunto, visando a interdisciplinaridade do que for ensinado. Quando se trata de um aluno com deficiência visual, um cuidado ainda maior deve ser tomado para que ele tenha condições de equidade em sua educação, mas a BNCC não dá diretrizes específicas sobre este cuidado especial, apenas usa termos gerais, como adaptação de conteúdos “às diferentes realidades de seus alunos”. Valeria a pena pensar sobre uma BNCC mais clara, na qual citações sobre contextos mais específicos acerca da inclusão de pessoas com deficiência fossem mencionados.

De acordo com a Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015), também conhecida como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, em seu Art. 28, incumbe ao poder público:

Assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: I - sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida; II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena; III - projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, assim como os demais serviços e adaptações razoáveis, para atender às características dos estudantes com deficiência e garantir o seu pleno acesso ao currículo em condições de igualdade, promovendo a conquista e o exercício de sua autonomia; [...] X - adoção de práticas pedagógicas inclusivas pelos programas de formação inicial e continuada de professores e oferta de formação continuada para o atendimento educacional especializado (BRASIL, 2015).

Esta lei explicita a responsabilidade das escolas perante as pessoas com deficiência, a formação profissional especializada de professores que precisem ensinar aos estudantes com deficiências e a necessidade da formação de estudantes autônomos. Fiscalizar e denunciar escolas que não cumprem as leis é dever de toda a sociedade, pois sabe-se que o Brasil é um país de dimensões continentais e fazer valer cada direito exige um comprometimento não apenas das escolas públicas e privadas, mas sim de um coletivo muito maior e atento às injustiças cometidas contra minorias. Os alunos com deficiência visual precisam de práticas pedagógicas diferenciadas e que possibilitem suas inclusões em todos os âmbitos de suas vidas. Entender que os alunos cegos e de baixa visão possuem tantas competências quanto pessoas que enxergam é apenas o primeiro passo para que a educação seja dada de uma maneira igualitária.

Como não existia nenhum decreto específico para uma pandemia de COVID-19, vale entender um pouco sobre como funciona o Ensino a Distância (EaD), para que se tenha uma noção do que é necessário para que ocorra um ensino remoto de qualidade durante o isolamento social. O EaD não pode ser confundido com o ensino remoto emergencial que a educação brasileira está tendo que oferecer, já que o ensino a distância possui peculiaridades que não poderiam ser postas em prática no ensino remoto. Mesmo sendo diferentes, é pertinente observar como o EaD funciona, como uma forma de iniciar a criação do ensino remoto necessário em um isolamento social. Ignorar a existência dessa modalidade de ensino seria uma perda de tempo enorme, pois muitos aspectos podem ser levados para o ensino remoto.

Os artigos 1º, 2º e 4º do Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017 (BRASIL, 2017), resumidamente, consideram que a educação a distância é uma modalidade educacional que ocorre por meio da utilização de tecnologias, preza por profissionais qualificados, políticas de acesso, tutorias e avaliações compatíveis com o que é ensinado. Entretanto, algumas atividades precisam ser feitas presencialmente, como tutorias, avaliações, estágios, práticas profissionais e de laboratório e defesa de trabalhos, previstas nos projetos pedagógicos ou de desenvolvimento da instituição de ensino e do curso a distância. Isto sendo dito, o governo teria o dever de fornecer ferramentas para que os alunos e professores possam se conectar à *internet* e fazer suas aulas. Também pode-se perceber que em nenhum dos artigos supracitados existe uma observação específica para um momento pandêmico, ou seja, as atividades que, na EaD, precisam acontecer presencialmente, como tutorias e avaliações,

atividades estas que ocorrem na educação básica, não poderiam acontecer em um momento de isolamento social (ensino remoto emergencial), pois isso infringiria as recomendações do Ministério da Saúde de não criar aglomerações<sup>7</sup>. Saber adaptar as tutorias e avaliações para o ensino remoto é um dos desafios dos professores em 2020.

Segundo Hodges (2020), é necessário distinguir os dois tipos de ensino:

Ao contrário das experiências planejadas desde o início e projetadas para serem online, o Ensino Remoto de Emergência (ERT) é uma mudança temporária para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise. Envolve o uso de soluções de ensino totalmente remotas para o ensino que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos híbridos, e, que, retornarão a esses formatos assim que a crise ou emergência diminuir ou acabar. O objetivo nessas circunstâncias não é recriar um sistema educacional robusto, mas fornecer acesso temporário a suportes e conteúdos educacionais de maneira rápida, fácil de configurar e confiável, durante uma emergência ou crise. Quando entendemos o ERT dessa maneira, podemos começar a separá-lo do “aprendizado online” (HODGES, 2020).

Em outras palavras, o ensino remoto é passageiro, pois ocorre apenas em momentos de crise e a falta de organização é parte dele. “Recriar um sistema educacional robusto” não é uma tarefa fácil, ainda mais em um momento tão delicado, no qual, dependendo da realidade de alunos e professores, estudar nunca vai ser a prioridade. Alguns alunos podem viver em ambientes familiares sem muita estrutura e que necessidades básicas como alimentação e higiene surpassem motivações escolares. Alguns professores também podem estar vivendo situações em que não haja a possibilidade de se conectarem com seus alunos, sem contar com a possibilidade de que todos, professores e alunos, podem ter sido infectados por COVID-19, ou algum familiar muito próximo, fazendo com que estudar passe longe de ser prioridade.

Vale ressaltar também o Art. 8º da Resolução nº4, de 17 de dezembro de 2018<sup>8</sup>, que diz que as instituições ou redes escolares devem intensificar o processo de inclusão dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades nas classes comuns do ensino regular, garantindo-lhes condições de acesso e de permanência com aprendizagem, buscando prover atendimento com qualidade. Caso o ensino remoto permaneça por mais tempo, o governo poderá precisar criar planos específicos para garantir o acesso à educação das populações mais carentes, disponibilizando pacotes de dados para a

---

<sup>7</sup> Matéria sobre como evitar a contaminação por COVID-19 disponível em: <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46540-saude-anuncia-orientacoes-para-evitar-a-disseminacao-do-coronavirus>. Acesso em 15/07/2020.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55640296](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55640296). Acesso em 21/02/2020.

internet. De acordo com Arruda (2020), grande maioria dos estudantes de escolas privadas acessam a Internet e os percentuais só permanecem altos (acima de 90%) entre os estudantes de escolas públicas das regiões sul, sudeste e centro-oeste. O autor ainda acrescenta que apenas setenta e três por cento (73%) dos estudantes da região nordeste possui acesso à internet, bem como menciona que o celular é o equipamento mais utilizado para este fim. Ter consciência das desigualdades sociais entre as regiões do Brasil é essencial para se criar planos específicos que gerem oportunidades de aprendizagem para todos.

Após esse breve panorama sobre os direitos relacionados à educação, desde leis mais gerais, como as encontradas na Constituição Federal e na BNCC, até leis mais específicas, como as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e a LBI, será possível ir adiante e entender um pouco mais sobre especificidades da educação inclusiva para pessoas com deficiência visual.

## 1.2 EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

A cegueira é uma deficiência visual sensorial que se caracteriza pelo fato de que as pessoas têm seu sistema visual de coleta de informações total ou seriamente prejudicado (COLL et al., 2004). Segundo os autores, quando se fala de cegos, se faz referência a uma população muito heterogênea, que inclui não apenas as pessoas que vivem na escuridão total, mas também aquelas que têm problemas visuais suficientemente graves para serem consideradas legalmente cegas, embora tenham resquícios visuais que possam ser aproveitados para seu desenvolvimento e sua aprendizagem. Ter consciência da heterogeneidade deste grupo de indivíduos é essencial para que se aproveite ao máximo suas capacidades de aprendizagem.

O tato, a audição, o paladar e o olfato, de acordo com Coll et al. (2004), são os sistemas sensoriais que substituirão a visão em crianças cegas. O tato ajuda as crianças cegas a conhecer o mundo a sua volta de uma maneira mais lenta, já que crianças que podem ver apenas precisam dar alguns “golpes de vista” para assimilar imagens às palavras. Os autores citam o exemplo do objeto “mesa”, que precisaria ser todo tateado, demorando um pouco mais de tempo, para que haja uma assimilação da palavra com o objeto. A audição serve para a comunicação verbal e tem função telerreceptora para a localização e identificação de objetos. Além desses dois sistemas sensoriais muito importantes, os autores afirmam que o

olfato é subutilizado na educação, mesmo que pessoas cegas costumem reconhecer locais e pessoas por seus cheiros. E menos utilizado ainda é o paladar, em momentos de aprendizagem. Saber dessas peculiaridades deveria ser obrigação de todos os professores, pois é dessa maneira, estimulando outros sistemas sensoriais que eles terão mais sucesso no ensino de pessoas cegas e com baixa visão. Por outro lado, a universidade deveria oferecer disciplinas obrigatórias de Braille em todos os cursos de licenciatura, para que quem sabe assim, os futuros professores se preocupassem um pouco mais com as pessoas com deficiência.

Ao falar na utilização de outros sistemas sensoriais, com exceção da visão, as crianças cegas precisam construir seus sistemas psicológicos compensando, no sentido vygotskiano, suas deficiências, mas isso não quer dizer que crianças cegas possuem os outros sistemas sensoriais mais bem desenvolvidos, elas apenas os usam de maneiras mais eficazes (COLL et al. 2004). Estimular os outros sentidos em pessoas cegas é o ponto chave para um processo de aprendizagem mais proveitoso para esse público.

De acordo com Motta (2004, p.183), em sua pesquisa com alunos cegos, a sala de aula precisa ser organizada com a finalidade de formar e constituir alunos críticos. Com isso, o professor precisa criar uma atmosfera que possibilite a manifestação de opiniões dos alunos, bem como a existência da conexão entre o conhecimento científico e cotidiano. Motta ainda enfatiza sobre o papel que o professor tem em aumentar a autoestima de seus alunos, fazendo com que eles percebam que estão aprendendo o que está sendo ensinado através do compartilhamento de suas experiências, já que a aprendizagem é dada como um processo de construção social, por meio da interação entre alunos e professores, a fim de criar indivíduos capazes de representar suas vozes de pessoas com deficiência no mundo.

Dantas e Medrado (2012), perceberam que, no caso do cego, o social atua em duas vias. Numa primeira via, o aspecto social pode ser o causador do conflito social enfrentado pela criança cega, pois o seu grupo pode entender a cegueira como uma incapacidade, colocando a pessoa cega em uma situação de dificuldade ao interagir com o meio. Em uma segunda via, o social é a única forma pela qual a criança cega pode desenvolver-se, já que, diante da condição de seres essencialmente sociais, só se desenvolvem na convivência com o outro. Reconhecer e aceitar é um processo necessário para que pessoas cegas e videntes se desenvolvam juntos. Entender que a sociedade prejudica as pessoas com deficiência, mas também reconhecer que é através dela que as pessoas com deficiência são incluídas e podem

acessar locais de estudo e trabalho é essencial para a evolução do ser humano. Ao interagirem com as pessoas com deficiência, as pessoas que não possuem deficiência também estão se transformando e se tornando mais empáticas, fazendo com que a vida em sociedade seja cada vez mais acolhedora para todos. Quando uma pessoa nasce e chega à fase adulta sem nenhuma deficiência, ela nem imagina que, a qualquer momento, sua vida pode mudar de rumo, caso algum acidente aconteça. As pessoas podem vir a perder a visão a qualquer momento e quando se fala em leis de inclusão, está se falando de uma proteção para todas as pessoas, não só para as que já estão nesse grupo minoritário, já que o futuro é incerto e acidentes podem acontecer a qualquer momento. Cuidar da educação desse público com deficiência é dever de todos, não só dos que estão nessa condição ou parentes, todos.

Depois de compreender um pouco sobre as peculiaridades da deficiência visual, surge a oportunidade de pensar sobre o papel do professor em um contexto de ensino remoto, tendo em vista os desafios que o ensino *online* implica.

### 1.3 PROFESSORES E O ENSINO REMOTO

De acordo com Haguenaer (2005), não deve haver diferença entre a metodologia utilizada no ensino presencial e a distância. A autora cita a pedagogia por projetos, trabalho colaborativo, inteligências múltiplas, resolução de problemas, desenvolvimento de competências, autonomia, pró-atividade e aprender a aprender como métodos, técnicas, estratégias e posturas que devem ser utilizados tanto no ensino presencial quanto no a distância. Haguenaer não trata especificamente de aulas remotas para alunos com deficiência, entretanto, explica que o que muda não é a metodologia de ensino, mas a forma de comunicação, dando ênfase ao potencial de informação e interação alavancado pela internet. Ela vê a utilização de novas tecnologias digitais como uma forma de repensar a educação e mudar métodos de ensino tradicionais ultrapassados que deixavam os alunos passivos nas aulas, pois atividades por meio de videoconferências poderiam se tornar as mesmas aulas tradicionais em que o professor transmitia o conteúdo e os alunos apenas absorviam, sem uma interação adequada e necessária para um melhor aproveitamento e aprendizado do assunto. Embora a área de ensino de línguas possa ter especificidades com relação aos termos “metodologia” e “formas de comunicação”, a autora expõe que saber

utilizar a gama de possibilidades que a internet disponibiliza é essencial para uma troca de conhecimento proveitosa.

No mercado, existem alguns “leitores de tela”<sup>9</sup> e dispositivos que facilitam a vida de pessoas cegas e de baixa visão. Vale a pena que os professores da rede básica de ensino disponibilizem textos para os alunos, mesmo que não estejam em Braille, pois, através de programas como Jaws, Virtual Vision, NVDA e Dosvox, os alunos conseguem ler textos escritos sem ser em Braille, desde que esses textos estejam em formatos que sejam reconhecidos pelos leitores de tela.. Outros dispositivos são o BR Braille (transcreve do Braille para caracteres alfanuméricos), Braille Creator (digitação em Braille), Dolphin (leitor de tela e ampliador de tela) e WAT (navegador personalizável para pessoas com baixa visão). Ter consciência sobre a importância da descrição e da audiodescrição de imagens e vídeos, por parte dos professores, também é uma necessidade, pois não adianta de nada enviar vídeos contendo apenas imagens.

A audiodescrição é definida pela narração adicional roteirizada, em língua portuguesa, integrada ao som original da obra audiovisual à sua versão dublada, contendo descrições das ações, linguagem corporal, estados emocionais, ambientação, figurinos, caracterização de personagens, bem como a identificação e/ou localização dos sons (ANCINE, 2018). Como os próprios cinemas devem fornecer este recurso de acessibilidade para pessoas cegas, por que seria diferente em um ambiente educacional? Para exemplificar o que um aluno cego experientia ao assistir a um filme sem audiodescrição, segue o exemplo:

Lembro uma vez em que me aventurei a assistir sozinho ao filme 2001, Uma Odisseia No Espaço, na TV. Creio que foi quando levei minha tolerância ao extremo. Só depois do terceiro intervalo sem ouvir uma palavra sequer, tendo apenas um zumbido como garantia de que a TV permanecia ligada, foi que desisti (BAZANELLA, 2012, p.209).

Assim como nas audiodescrições, descrições são boas alternativas para professores de alunos cegos. Criar descrições de imagens e vídeos em textos escritos pode fazer toda a diferença no entendimento de uma atividade para um aluno cego ou com baixa visão. Cabe ao professor ter a sensibilidade de adaptar materiais ou até mesmo ter um contato mais direto

---

<sup>9</sup> Blog sobre leitores de tela para pessoas com deficiência visual:  
<https://www.psafef.com/blog/leitor-de-tela-para-deficientes-visuais/>. Acesso em 15/07/2020.

com o aluno com deficiência via *WhatsApp*, a fim de mandar áudios que descrevam tudo que for apenas acessado através do sentido da visão. Vale a pena pensar em criações de vídeos, porém prestando atenção às possíveis audiodescrições que precisem ser feitas. Salienta-se que o professor não precisa fazer nada muito profissional, apenas descrever partes importantes que estão nas imagens e vídeos.

Para aproveitar melhor a potencialidade dos alunos com deficiência visual, o Instituto dos Cegos do Ceará<sup>10</sup>, por exemplo, está oferecendo aulas a distância pelo celular. Os pais auxiliam nas videochamadas e conteúdos de áudios mandados pelos professores através do *WhatsApp*. A coordenadora pedagógica do instituto, Ruth Sousa, comenta sobre o sucesso, após certa dificuldade inerente ao processo de adaptação às plataformas digitais, pois estão oferecendo aulas, serviços para a saúde psicológica e física dos alunos. Não só materiais são enviados pela internet, mas também de maneira física para a casa dos alunos. O instituto sabe da importância de manter seus alunos estudando e aprendendo para não prejudicar o andamento escolar deles. A coordenadora acrescenta que alguns alunos possuem seus sistemas imunológicos debilitados e pertencem a grupos de riscos do COVID-19, inabilitando ainda mais suas presenças em aulas físicas neste período. A coordenadora aponta o sucesso das atividades devido à união das famílias em torno da educação de suas crianças, pois o envolvimento dos responsáveis é essencial, além de um acesso à *internet* e ao *WhatsApp* suficientemente bons para a transferência de arquivos.

O *WhatsApp* é um aplicativo que possibilita uma ampla e rápida transferência de informações. Sabe-se de seu poder de espalhar notícias não só verdadeiras, mas também falsas, as conhecidas “fake news”<sup>11</sup>, caso seja usado por pessoas com más intenções. Como muitos planos de operadoras oferecem uso ilimitado de dados para o aplicativo, ele se torna uma ferramenta muito interessante para ser utilizada por quase todas as pessoas, independentemente de suas classes sociais e condições financeiras. O aplicativo permite que mensagens de textos sejam enviadas, bem como vídeos e áudios. Videochamadas também podem ser feitas, caso a conexão seja boa o suficiente para isso. Instalando um software de leitura de tela em um celular *smartphone* possibilita que pessoas cegas utilizem esse

---

<sup>10</sup> Disponível

em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/dias-melhores/com-aulas-pelo-celular-professores-realizam-ensino-a-distancia-no-instituto-dos-cegos-1.2959828>. Acesso em: 15/07/2020.

<sup>11</sup> Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-04/whatsapp-e-principal-rede-de-disseminacao-de-fake-news-sobre-covid-19>. Acesso em: 19/07/2020.

aplicativo de maneira muito fácil, por isso muitos professores e professoras estão vendo este artefato tecnológico como um aliado. De acordo com Arruda (2020),

Em termos de universalização do acesso à internet, é possível inferir a emergência de uma política nacional de acesso à rede de banda larga móvel, a partir de envolvimento de grupos privados de telefonia móvel que já possuem políticas de disponibilização de pacotes de dados que não contabilizam o gasto de dados em determinados aplicativos, como *Whatsapp* e *Facebook*. Tal política pode ser ampliada para sites específicos determinados por secretarias de estado de Educação ou o Ministério da Educação, de maneira a permitir o amplo acesso a conteúdo educacional produzido (ARRUDA, 2020).

O autor demonstra a potencialidade de aplicativos<sup>12</sup> que não possuem tarifas limitadas de uso de dados em um contexto educacional como forma de alcançar mais alunos em um contexto de isolamento social, bem como a possibilidade do próprio governo permitir acesso a certos *sites* sem que nenhum dado seja consumido, sempre visando uma melhor formação dos alunos.

Segundo Dantas e Medrado (p. 30, 2012), o professor de língua inglesa precisa pesquisar sobre a temática da deficiência visual, a fim de criar uma zona “segura de interação” para o aluno cego, dentro da sala de aula, bem como saber tocá-los, descrever imagens e os acontecimentos em sala. Entender o ritmo de escrita em Braille do aluno, incentivar a interação entre os colegas também são ações essenciais. Sabendo de todas essas especificidades que um aluno cego precisa para um melhor aprendizado não só de língua inglesa, mas também de qualquer outro componente curricular, é natural que uma inquietação surja ao pensar sobre o contexto atual de isolamento social em decorrência da pandemia de COVID-19. Alunos que precisam de estímulos sensoriais mais diversos terão condições de aprender o suficiente neste contexto atual? Os professores devem se empenhar, usar suas imaginações e criatividade para elaborar planos de aula com materiais que estimulem bastante a audição, já que o tato, o olfato e o paladar são inexistentes em aulas virtuais.

O professor cria espaços, ambientes que permitem que as transformações desejadas possam ocorrer, o que nunca está garantido, dado que o aluno é o real agente de seu desenvolvimento e sua liberdade pode levá-lo a recusar-se a entrar nos ambientes criados pelo

---

<sup>12</sup> Para mais informações sobre como utilizar ferramentas digitais em um contexto de ensino inclusivo, verificar o site do Grupo de Pesquisa ALDEI (Agir de Linguagem, Docência e Educação Inclusiva), disponível em: <http://plone.ufpb.br/aldei>

professor, resistir a eles, ir em outra direção etc (MACHADO, 2009 apud DANTAS e MEDRADO, 2014). É importante ressaltar a responsabilidade do aluno em sua própria educação, o que intensifica a dificuldade em um período de aulas a distância, pois sabe-se que, para muitos, os celulares e computadores são associados a momentos de lazer, fazendo com que a tarefa do professor seja um desafio ainda maior. Já é difícil saber se os alunos cegos estão seguindo a linha de raciocínio em aulas presenciais, onde é possível ver a linguagem corporal de cada um deles, em um contexto de aulas virtuais, esta tarefa de percepção torna-se ainda maior, pois, em alguns casos, não são feitas videoconferências.

Nóvoa (2020)<sup>13</sup> dá ênfase ao período anormal que o ser humano está vivendo na atualidade e explica sobre a importância de continuar a educação, principalmente a educação da população mais pobre. Ele esclarece que as pessoas mais abastadas continuarão tendo acesso a livros e outros objetos que geram conhecimentos, mas a população mais carente precisa de muito apoio neste período pandêmico, não podendo ser abandonada de forma alguma. A imaginação e a criatividade dos professores precisam vir à tona para que nenhum aluno seja deixado para trás no processo de aprendizagem. Ele ainda afirma que seria um erro achar que o futuro da educação é a educação a distância, pois o COVID-19 é passageiro e as salas de aulas físicas são de extrema importância para a formação de todos os alunos.

O professor Nóvoa comenta que o fato de ter aulas virtuais é interessante, mas que isto possibilita uma imersão em um sistema de clientela, de consumismo, pois cada aluno acaba tratando a educação como uma mercadoria a ser consumida, e a educação não pode ser isso, a educação é muito mais do que isso. A crise que está ocorrendo precisa servir para que a escola seja ressignificada quando os professores e alunos voltarem aos ambientes escolares tradicionais. O professor também alerta sobre a pedagogia de ensino por meio da televisão, que provavelmente irá voltar, mas que ele considera ultrapassada e não pode ser vista como solução para a educação do futuro, entretanto, “é melhor isto do que nada”, segundo o próprio autor. O futuro da educação está muito incerto e até que uma vacina seja criada e distribuída para toda a população, todo o ambiente escolar já vai ter sofrido muitas mudanças em decorrência da pandemia. Mudar pode ser difícil para muitas pessoas, mas essas adaptações são necessárias e ajudam a refletir sobre todo o processo de aprendizagem.

---

<sup>13</sup> NÓVOA, 2020. *Live* disponível em:

<https://porvir.org/acontece/transmissao-online-com-o-professor-portugues-antonio-novoa/>. Acesso em: 15/07/2020.

Para Hodges (2020), “a verdade é que nenhum(a) profissional que fizer a transição para o ensino *online* nessas circunstâncias, às pressas, poderá tirar o máximo proveito dos recursos e possibilidades do formato *online*.” Entender que este momento está sendo difícil tanto para alunos, quanto para professores, é primordial para que todos consigam sair mentalmente saudáveis desta quarentena quase infinita. A educação não pode parar e negligenciar o ensino de pessoas com deficiências acarretará em ainda mais problemas nas vidas delas no futuro, problemas estes que podem ser evitados hoje, agora, com a cooperação de todos os envolvidos na educação brasileira.

Toda a teoria até aqui mencionada contribuirá para a análise dos dados gerados neste trabalho. Será possível refletir sobre as responsabilidades do governo, dos professores e alunos na educação, bem como entender pontos de incongruência entre a lei e o que está acontecendo na realidade de estudantes com deficiência visual no contexto educacional remoto de pandemia.

## 2. PERCURSOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Antes de partir para a análise dos dados coletados nas entrevistas, é importante destacar que, neste capítulo, serão explicitados a natureza da pesquisa, o instrumento para a geração de dados da pesquisa, o contexto da pesquisa, seus colaboradores, procedimentos e categorias de análise.

Como a vida está acontecendo em um espaço-tempo atípico de pandemia, um contato direto com os alunos em sala de aula seria irresponsável, pois colocaria em risco de contaminação por COVID-19 todos os envolvidos neste trabalho de conclusão de curso. Em decorrência do isolamento social, das escolas fechadas e da necessidade de prezar pela saúde de todos os envolvidos, a pesquisa foi feita de maneira remota.

### 2.1 NATUREZA DA PESQUISA

Este trabalho é de natureza qualitativa, para que exista a possibilidade de análise social de quatro colaboradores, dois cegos e dois com baixa visão, que estão experienciando um atípico contato com a educação. De acordo com Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa se constrói tendo como base o interpretativismo e consiste na análise de um ou mais processos que ocorrem em determinado ambiente, levando sempre em consideração os atores sociais envolvidos e a forma que interpretam esses processos. Segundo a autora, a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. Bortoni-Ricardo (2008) ainda elucida que a interpretação poderá ser feita por meio de registros, principalmente por meio de um diário de pesquisa que, ao ser analisado a partir de estudos teóricos, auxilia na reformulação ou na construção de teorias sobre a organização social e cognitiva do contexto escolar. Como as aulas não estão acontecendo de forma presencial, a observação e interpretação do contexto social, nesta pesquisa, foram feitas a partir das respostas dadas pelos colaboradores Márcia, Tadeu, Eudes e Roberto às entrevistas semi-estruturadas, realizadas via áudios de *WhatsApp*.

## 2.2 INSTRUMENTO PARA GERAÇÃO DOS DADOS: A ENTREVISTA

Segundo Haguette (1995), a entrevista é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática central. A escolha da entrevista semi-estruturada (Apêndice A) teve em vista “a possibilidade (do informante) discorrer sobre suas experiências, a partir do foco principal proposto pelo pesquisador; ao mesmo tempo que permite respostas livres e espontâneas do informante<sup>14</sup>, valoriza a atuação do entrevistador” (TRIVIÑOS, 1987). Poder acrescentar uma nova pergunta ao entrevistado, levando em consideração algo relevante que foi dito em uma resposta anterior, pode ser de grande valia para a pesquisa. Manter a pesquisa engessada, sem poder sair do roteiro, só para cumprir certo preciosismo, pode trazer análises que não contribuam para reflexões que são feitas atualmente na área.

As entrevistas semiestruturadas foram feitas via áudios de *WhatsApp*, no mês de julho de 2020, a fim de se tentar entender como é a relação entre alunos com deficiência visual e suas escolas neste período de isolamento social. A escolha do aplicativo se deu em virtude da familiaridade que os colaboradores possuíam com a utilização do dispositivo. Entrevistas por chamadas de vídeo foram descartadas, já que a conexão com os colaboradores poderia trazer empecilhos para uma boa comunicação. Os áudios de *WhatsApp* são muito utilizados por pessoas cegas e fizeram com que as entrevistas fluíssem de maneira natural.

Com relação ao roteiro de entrevista (Apêndice A), as perguntas previamente estabelecidas sofreram mudanças para melhor compreensão por parte dos entrevistados, como pode-se ver nos três segmentos a seguir:

### **Segmento X**

P: E como está sendo a sua conexão com a escola neste período de pandemia?

Márcia: Eu estou estudando todas as matérias via plataforma, e-mail, né? Google sala de aula. Todos os professores nos seus respectivos

---

<sup>14</sup> O informante, termo trazido por Traviños, é o equivalente ao colaborador deste atual trabalho, ou seja, a pessoa que está sendo entrevistada.

dias de aula mandam as atividades via e-mail e eu respondo. Uns por formulário, outros anexam algum documento com atividades escritas, aí eu copio e tiro a foto do que eu escrevi em Braille e anexo a foto. Eles não entendem, mas está registrado que eu fiz a atividade. /.../

### **Segmento Y**

P: Como está sendo a sua conexão com a escola neste período de pandemia?

Eudes: Os professores mandam conteúdos, eles explicam e a gente faz em casa mesmo, as tarefas. /.../

### **Segmento Z**

P: A sua escola está oferecendo aulas virtuais ou eles só estão mandando as tarefas para vocês? /.../ Eles mandam um vídeo, com a aula, para vocês? Eles mandam em áudio? Eles usam o *WhatsApp*? Eles usam uma plataforma diferente? Como é que é?

Eudes: Está tendo aulas virtuais.

A aluna Márcia deu uma resposta bem completa (Segmento X), mas como a resposta dada por Eudes foi muito breve (segmento Y), uma nova pergunta precisou ser elaborada para tentar incentivar uma resposta mais expressiva (segmento Z), entretanto, nem assim foi possível extrair mais informações. Segmentos de todas as entrevistas foram categorizados e serviram de base para uma melhor análise das entrevistas, visando responder às perguntas de pesquisa.

## **2.3 CONTEXTO DE PESQUISA E COLABORADORES**

O contexto de pesquisa é excepcionalmente virtual, já que as aulas presenciais estão suspensas por período indeterminado. A pandemia fez com que as escolas tivessem que adaptar suas atividades ao mundo virtual, a fim de fazer com que os alunos não se prejudicassem em seus estudos. Manter uma rotina de estudos é muito importante para estudantes, com isso, as escolas precisam oferecer suporte para todos os alunos, inclusive para os alunos com deficiências. O cenário pandêmico já seria o suficiente para gerar caos, mas a política brasileira, com foco na Educação, também corrobora para a apreensão de todos os

estudantes brasileiros. O ministro Abraham Weintraub foi exonerado e substituído por um ministro que mentiu sobre ser doutor, sendo exonerado logo em seguida e deixando mais uma vez o país sem ministro da educação<sup>15</sup>. Em meio a esse clima de tensão política, surge a dúvida sobre a qualidade deste ensino remoto às pessoas com deficiência visual. Vale ressaltar sobre o empenho da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba que lançou a plataforma Paraíba Educa<sup>16</sup>, como também a plataforma Conexão Escolar<sup>17</sup>, criada pela Rede Municipal de Ensino de João Pessoa, ambas servindo para melhorar as aulas virtuais de alunos da rede pública de ensino neste contexto de pandemia.

Os colaboradores da pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética<sup>18</sup>, foram quatro alunos de inglês do ICPAC, dois cegos e dois com baixa visão. Como dois deles eram menores de idade, um termo de consentimento foi enviado para que seus responsáveis assinassem e permitissem a participação destes alunos na pesquisa (Apêndice C). Os alunos maiores de idade assinaram um termo de compromisso específico (Apêndice D). Em respeito ao sigilo das informações dadas nas entrevistas, os nomes fictícios Márcia, Tadeu, Roberto e Eudes foram utilizados para representar cada colaborador.

---

<sup>15</sup> Portal G1 de Notícias:

<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/01/brasil-esta-oficialmente-sem-ministro-da-educacao-e-no-va-data-do-enem-ainda-esta-em-aberto.ghtml>

<sup>16</sup> Plataforma Paraíba Educa, disponível em: <https://sites.google.com/prod/see.pb.gov.br/pbeduca>

<sup>17</sup> Plataforma Conexão Escolar, disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/conexaoescolar/>

<sup>18</sup> Parecer Consubstanciado do CEP Nº 4.171.278 (Anexo A)

Abaixo, um quadro com o perfil de cada colaborador foi criado:

**Quadro 1: Perfis dos colaboradores**

|                | <b>Condição Física</b> | <b>Idade</b> | <b>Fase Escolar</b>         | <b>Rede de Ensino</b> | <b>Informações Extras</b>                                      |
|----------------|------------------------|--------------|-----------------------------|-----------------------|----------------------------------------------------------------|
| <b>Márcia</b>  | Cega                   | 15 anos      | Ensino Fundamental (9º ano) | Pública               | Nasceu cega                                                    |
| <b>Tadeu</b>   | Baixa Visão            | 16 anos      | Ensino Médio (1º ano)       | Pública               | Nasceu com baixa visão                                         |
| <b>Roberto</b> | Cego                   | 46 anos      | EJA                         | Pública               | Perdeu a visão aos 35 anos                                     |
| <b>Eudes</b>   | Baixa Visão            | 25 anos      | Ensino Médio (3º ano)       | Pública               | Nasceu com baixa visão e também possui deficiência intelectual |

Fonte: Elaboração Própria

Os colaboradores possuem perfis diferentes. Embora todos sejam alunos da rede pública, façam parte da educação básica e sejam usuários do ICPAC, a experiência com a deficiência visual de cada um é única e influencia na forma pela qual compreendem esse momento de aulas virtuais.

## 2.4 PROCEDIMENTOS E CATEGORIAS TEMÁTICAS DE ANÁLISE

Com a intermediação da ex-professora do ICPAC, Dr<sup>a</sup> Rosycléa Dantas Silva, os quatro colaboradores foram contactados e se dispuseram a participar da pesquisa. Os colaboradores eram alunos cegos e com baixa visão do ICPAC. As entrevistas foram marcadas e realizadas, individualmente, em horários que favorecessem tanto ao pesquisador, quanto aos colaboradores. Cada pergunta foi feita em um áudio, visando esperar a resposta do colaborador entrevistado, ou seja, apenas após a resposta do entrevistado é a que a próxima pergunta foi feita. Cada entrevista durou cerca de uma hora e dez minutos, pois existia o momento em que os colaboradores enviavam as respostas e essas precisavam ser escutadas, duplicando o tempo de duração de todo o processo. As quatro entrevistas foram gravadas em áudios do *WhatsApp* e salvas em formato “Arquivo OGG (.ogg)”. Transcrições (Apêndice B)

foram feitas, para que assim uma análise mais cuidadosa dos dados pudesse ser realizada. A letra “P” foi colocada para representar a pergunta em cada segmento.

Múltiplas leituras foram feitas para perceber os temas centrais que surgiam nos discursos de cada aluno. Como as entrevistas eram extensas, imprimiu-se todas as entrevistas para uma análise mais detalhada de cada pergunta. Quando um tema era semelhante na maioria das entrevistas, uma cor diferente era utilizada para diferenciá-lo de outros temas. Após muita reflexão sobre os objetivos específicos deste trabalho, duas categorias temáticas foram criadas para agrupar informações referentes às adaptações feitas pelas escolas em tempos de isolamento social. As duas categorias são:

1. Compreensões da acessibilidade às aulas remotas;
2. Compreensões da própria aprendizagem durante a pandemia.

### 3. A PERCEPÇÃO DA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA

Para organizar este trabalho, as duas categorias temáticas apresentadas na seção 2.4 serviram de base estrutural para a discussão dos dados gerados. Segmentos selecionados de cada entrevista foram agrupados de acordo com cada categoria, a fim de trazer uma ideia geral sobre a perspectiva dos colaboradores sobre o ensino remoto de suas escolas neste período de isolamento social. Vale salientar que os colaboradores falaram sobre o ensino remoto abrangendo todas as disciplinas estudadas e, especificamente, sobre a língua inglesa, para fins de comparações. Primeiramente, as perguntas feitas pelo pesquisador serão expostas e, logo em seguida, comentários serão tecidos sobre cada resposta dada pelos colaboradores.

#### 3.1 COMPREENSÕES DA ACESSIBILIDADE ÀS AULAS REMOTAS

Nesta categoria, visou-se o entendimento sobre como as aulas a distância estavam ocorrendo, se elas estavam sendo acessíveis, bem como quais materiais didáticos estavam sendo utilizados. Assim, quando perguntada sobre como eram as aulas, a aluna Márcia respondeu:

##### Segmento 1 - Márcia

P: E como está sendo a sua conexão com a escola neste período de pandemia?

Márcia: Eu estou estudando todas as matérias **via plataforma, e-mail**, né? **Google sala de aula**. Todos os professores nos seus respectivos dias de aula mandam as **atividades via e-mail** e eu respondo. Uns por **formulário**, outros anexam algum documento com atividades escritas, aí eu copio e tiro a foto do que eu escrevi em Braile e anexo a foto. **Eles não entendem, mas está registrado que eu fiz a atividade**. A gente não está tendo, exatamente, aula. **Os professores mandam as atividades /.../ e a gente faz**. Só que **duas professoras, por conta própria decidiram dar aula à gente**. Perguntaram se nós aceitaríamos, se a gente achava legal a ideia, a gente concordou /.../ Os professores só mandam as atividades e a gente faz (risos), **ou pelo menos tenta**. **As aulas delas são via ZOOM**, ZOOM é um aplicativo, eu não sei explicar exatamente, mas elas fazem tipo uma videoconferência, mandam o link para o grupo e os alunos entram na

videoconferência. **É como uma aula mesmo**, só não é presencial. Ela tira nossas dúvidas, explica o conteúdo, **é bem melhor** (risos). /.../

Através da resposta de Márcia, percebe-se que ela não considera as atividades enviadas pelos professores como aulas e prefere as aulas pelo *Zoom*, mesmo que sejam videoconferências e ela não possa enxergar, pois a interação aluno-professor fica mais dinâmica e as dúvidas que surgem podem ser tiradas mais rapidamente (*É como uma aula mesmo, só não é presencial. Ela tira nossas dúvidas, explica o conteúdo, é bem melhor*). Assim como Márcia, Tadeu e Eudes, em suas respectivas entrevistas, também mencionam a utilização de plataformas digitais pelos professores, para o envio de atividades. Além disso, Márcia evidencia uma lacuna na formação docente: os professores não sabem Braille. Quando questionada sobre como ela se sentia sobre o fato de seus professores não saberem Braille, ela ressalta:

### Segmento 2 – Márcia

P: Me diz como você se sente com o fato dos professores não entenderem o Braille /.../?

Márcia: Eu considero um atraso, um atraso na educação. Um simples descuido da educação mesmo. **Porque há, sim, a possibilidade de haver uma cadeira de Braille nas universidades. Se tem Libras, por que não tem o Braille?** Você me entende? Eu considero um atraso e **eu fico muito triste** por isso, porque agora mesmo tem muitas **atividades minhas que os professores não estão podendo avaliar**, para ver se eu estou certa, pra ver se eu estou respondendo certo. Essas coisas, esses mínimos detalhes que eu gosto que eles avaliem, eu **gosto muito quando um professor me passa um feedback**, se eu acertei, se eu errei, em que eu preciso melhorar. E agora está sendo praticamente impossível de eles fazerem isso. **Então eu fico triste...**

Indignação e tristeza são os sentimentos de Márcia. Ela sabe da deficiência nos currículos dos cursos de licenciatura da universidade, o que demonstra uma consciência sobre o assunto, mesmo tendo apenas quinze anos de idade. De acordo com o Art. 73, da LBI :

Caberá ao poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, promover a capacitação de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de profissionais habilitados em Braille, audiodescrição, estenotipia e legendagem (BRASIL, 2015).

A LBI não deixa claro se esses profissionais habilitados em Braille seriam professores capazes de entender o sistema de comunicação tátil. O fato é que nenhuma disciplina de Braille é obrigatória no currículo de estudantes do curso de Licenciatura em Língua Inglesa da UFPB. São vários professores colocados no mercado, sem condições de ler e se comunicar com alunos cegos através da escrita. Para adquirir conhecimentos sobre Braille, os professores podem participar de oficinas esporádicas que são ofertadas pela UFPB ou buscar a Fundação Centro Integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD), pois lá são oferecidos cursos de escrita e leitura em Braille. Tadeu comentou sobre as aulas dizendo o seguinte:

### Segmento 3 – Tadeu

P: Como são essas aulas?

Tadeu: São pela plataforma chamada *Google Class* e é disponibilizada por temas. **O Estado manda temas**, outro outro, e **os professores montam as atividades** com esses temas, **mas não é tão acessível para a gente que é deficiente, não**. E está sendo **mais ou menos**, a gente dá pra levar...

Tadeu pareceu um pouco desmotivado com a forma pela qual as atividades são criadas, pois deu a entender que os professores criam atividades mecanicamente, apenas para seguir o que o governo pré-estabeleceu para que eles estudassem. Sabe-se da importância de criar conteúdos contextualizados, como a própria BNCC menciona - “conhecimento curricular contextualizado pela realidade local, social e individual da escola e do seu alunado”. Roberto também comentou sobre as aulas e argumentou:

### Segmento 4 - Roberto

P: Certo, então me fala mais um pouquinho de como estão sendo essas aulas. Os professores mandam áudios e vocês respondem com áudios? Como é que está acontecendo, me explica só mais um pouquinho.

Roberto: Rodrigo, eles estão estudando *online*. **Eles criaram um grupo**, o EJA 4 e o EJA 3 estão colocando essas aulas *online*. Temos segunda, dois professores, terça, dois professores, quarta, dois professores, quinta, dois professores, sexta, dois professores. Nós estamos fazendo todos os **trabalhos do colégio online**. **Eles enviam no grupo as questões**, as atividades e nós vamos lá, olhamos, estudamos e respondemos no privado a cada um dos professores. Eles colocam lá e a gente consegue fazer pelo *WhatsApp*. **Não está sendo**

**fácil, está sendo um pouco difícil**, mas estamos fazendo as atividades *online*.

No caso de Roberto, a sua escola decidiu utilizar grupos de *WhatsApp* para se comunicar com os alunos da EJA. As aulas são dadas por meio de áudios enviados para os alunos e Roberto mencionou que não estava sendo fácil acompanhar os assuntos. Ele enfatiza que está sentindo dificuldades para se adaptar ao ensino remoto, mas parecia estar satisfeito com o fato de estar recebendo, mesmo que de maneira não tão cuidadosa, assistência com sua educação. Roberto chega a mencionar, por diversas vezes, na entrevista, que sua vida é uma batalha constante, como se todos os dias ele tivesse que vencer obstáculos, o que é, infelizmente, “natural” para uma pessoa que ficou cega depois de passar boa parte de sua vida enxergando. Só que a educação não precisa ser mais um obstáculo em sua vida, não precisa ser como um sacrifício e que tudo que é recebido precisa ser retribuído com gratidão. A educação de pessoas com deficiência não é uma questão de caridade, é um direito previsto pela constituição. Quando perguntado sobre as aulas de inglês, Roberto disse:

### **Segmento 5 - Roberto**

P: E como é que você está conseguindo estudar inglês? Você está utilizando algum material didático específico?

Roberto: **O inglês é um pouco difícil**. Quando ele é **numa sala de aula, ele é mais fácil** de lidar com a resposta, mas como ele está sendo *online*, **está sendo um pouco difícil** para nós, mas a **professora manda em inglês e traduz para nós em português**. É aí que nós estamos lidando com a professora de inglês. /.../ Ela manda uma palavra em inglês e explica em português e, junto com ela, **ela manda a gente repetir as palavras em inglês e em português**.

Ter métodos de ensino adequados para esse público deveria ser obrigação de todos os envolvidos na educação. A repetição é importante para a aprendizagem de qualquer matéria, entretanto, se a aula consistir apenas nessa metodologia, as competências linguísticas dos alunos não serão desenvolvidas. Talvez aulas com uma contextualização sejam mais congruentes com as propostas estabelecidas na LBI. Eudes foi o único que não demonstrou descontentamento com o ensino remoto, afirmando que:

### Segmento 6 - Eudes

P: Me explica um pouquinho como funciona a aula... é uma aula ao vivo? O professor tem como interagir com vocês ou é videochamada? Vocês falam na mesma hora com o professor e ele responde?

Eudes: **Os professores mandam conteúdos**, eles explicam e a gente faz em casa mesmo, as **tarefas**. /.../ É uma aula **ao vivo**, sabe? Eu converso com os professores, os professores mandam as atividades e eu **converso com os professores por vídeo**.

Eudes mencionou aulas ao vivo, nas quais os alunos tinham contato direto com o professor e podiam conversar livremente, entretanto, o mesmo padrão de envio de tarefas continuou sendo visto. As aulas virtuais de todos os alunos giravam em torno de tarefas e respostas enviadas aos professores. Vale ressaltar que além da deficiência visual, Eudes também tem deficiência intelectual. Suas respostas foram curtas e, mesmo que houvesse uma tentativa de estimular respostas mais completas, ele dava respostas sucintas que deixavam dúvidas sobre a reflexão que ele estava fazendo no momento da entrevista.

Após entender sobre o funcionamento das aulas de cada colaborador, foi necessário tentar entender sobre os materiais didáticos que estavam sendo utilizados nas aulas. Como se pode observar no segmento a seguir, Márcia afirmou que:

### Segmento 7 - Márcia

P: E quais são os materiais didáticos que você está usando para estudar inglês? A professora, por acaso, passa algum site específico para vocês estudarem, ela manda, de alguma forma, materiais para vocês? Como é que ela faz?

Márcia: Ela manda atividade pelo Word /.../ e às vezes anexa vídeo, porque vídeo ajuda a responder, né? Só semana retrasada que ela mandou uma atividade pelo site, **só que não era acessível para mim. Aí eu falei para ela e ela deixou para lá (risos)**.

P: Como assim ela deixou para lá?

Márcia: **Eu falei para ela (risos), que o site não era acessível, que eu não estava conseguindo responder e ela falou - “não, já que você não consegue responder, eu vou considerar como se você tivesse feito a atividade”**. Eu respondi - “está bom. ok, né?”. Eu não tinha o que falar.

Márcia comentou sobre a utilização de atividades em documentos *Word*, com vídeos anexados, entretanto, o que mais chamou atenção foi a atividade que deveria ser feita em um *site* não acessível. A professora preferiu criar uma nota qualquer para a aluna, ao invés de adaptar a atividade para alguém com deficiência visual. A docente poderia tentar refletir sobre sua atitude, pois não demonstrou se importar com a educação da colaboradora. A educação é muito mais do que uma nota lançada no sistema e uma aprovação para que o aluno passe para o ano seguinte da escola. É compreensível que a situação atual é caótica, mas isso não dá o direito de nenhum professor negligenciar a oportunidade de um aluno aprender. O Art. 8º da Resolução nº4, de 17 de dezembro de 2018, diz que as escolas devem garantir condições de acesso e de permanência à aprendizagem, buscando prover atendimento com qualidade. Márcia demonstrou descontentamento com a professora, mas como seus pedidos de ajuda haviam sido ignorados, também “deixou para lá”.

Quando perguntada sobre o suporte dado pelos professores, Márcia ressaltou:

#### **Segmento 8 - Márcia**

P: Para você, como aluna cega, eles estão te dando um suporte suficiente nesse momento de aulas virtuais, nesse momento de pandemia? Eles estão disponibilizando materiais acessíveis para você?

Márcia: Alguns, sim e outros, não. Tem alguns professores, eu não vou citar nomes, nem matéria, que mandam a atividade e, de suporte para todos, mandam um vídeo. Nesse **vídeo só contêm imagens**, ou seja, **isso não é acessível**, porque eles deixam bem claro que tem que assistir ao vídeo para responder a atividade. **Aí eu sempre pego no pé - “professor, professora, o vídeo só tem imagem, por favor, descreve aí para mim a imagem”**. **Aí o professor, professora, descreve**, mas isso é difícil de acontecer. Já aconteceu umas duas vezes em duas matérias, mas é difícil. Agora, tem uma professora que, depois que aconteceu a primeira vez, agora, toda vez que ela manda o vídeo, tendo voz ou não, ela descreve pra mim, todas as vezes. **/.../ Essa acessibilidade, de material acessível, acho que a maioria dos professores está, sim, me dando um bom suporte. Por mais que eles não percebiam, mas eles estão dando um bom suporte.**

Márcia demonstrou que tem poder de negociação com seus professores, pois ao sentir dificuldades, pediu para que seus professores acrescentassem descrições aos vídeos para torná-los acessíveis. É importante salientar que não é papel do aluno pedir para que as aulas

sejam acessíveis, pois elas já poderiam ter sido criadas para que pessoas cegas pudessem participar sem obstáculos. O ponto positivo desta situação é que com esse diálogo franco, entre professor e aluno, a solução proposta pela aluna foi acatada e situações parecidas acontecerão em menor escala no futuro. Quando o professor se mostra apto a escutar e considerar as questões dos alunos com deficiência visual, o processo de aprendizagem pode se dar de maneira mais fluida e proveitosa.

### 3.2 COMPREENSÕES DA PRÓPRIA APRENDIZAGEM DURANTE A PANDEMIA

Após a breve análise sobre a metodologia e os materiais didáticos utilizados pelos professores feita na seção 4.1, esta categoria teve a intenção de demonstrar a compreensão dos colaboradores acerca de sua própria aprendizagem. Eles puderam comentar sobre suas dificuldades para aprender inglês e consideraram sugestões de melhoria no ensino remoto para pessoas com deficiência visual.

Quando perguntada sobre as aulas de inglês, Márcia disse:

#### Segmento 9 – Márcia

P: Como você está conseguindo estudar inglês?

Márcia: Ah, inglês está bem mais **delicado**. A professora... ela manda vídeo... olha, eu vou ser bem sincera! **Eu não estou conseguindo fazer sozinha (risos)**. Ela manda para a gente copiar as atividades e responder. **Eu não estou conseguindo entender o assunto**. Inglês é uma das matérias em que **estou totalmente perdida**. /.../. No início ela estava mandando vídeo, mas eu não consigo compreender pelo **fato de eu não entender a pronúncia do inglês**. Aí fica bem **confuso**, porque, às vezes, as **respostas estão na imagem**. Então é uma **situação bem delicada** (risos).

Entre risos nervosos, Márcia confessou estar tendo muitas dificuldades para entender o assunto das aulas de inglês, principalmente pela pronúncia das palavras e pelo fato de as respostas das perguntas estarem nas imagens dos vídeos. Segundo Alves et al. (2017), “as descrições transformam imagens em palavras, viabilizando que os deficientes visuais e cegos criem quadros mentais concedendo autonomia para seus estudos.” Os autores explicam que a falta de descrições pode acarretar em “perda de conteúdos e o não entendimento correto e

completo da área do conhecimento estudado.” Garantir descrições para alunos cegos é garantir sua autonomia. É imprescindível que um professor de alunos cegos descreva tudo que está nos vídeos, seja por meio de textos ou áudios, senão ele só estará excluindo ainda mais as pessoas com deficiência visual. A pronúncia do inglês pode ser muito complicada para brasileiros, mas o professor não deve ignorar as dificuldades de seus alunos. Ter métodos de ensino adequados para esse público deveria ser obrigação de todos os envolvidos na educação. Márcia explicou como superava seus obstáculos ao falar:

### Segmento 10 – Márcia

P: Como você está conseguindo estudar inglês?

Márcia: /.../ **Na maioria das vezes eu preciso da ajuda de uma amiga minha.** Na verdade, eu e ela, uma ajuda a outra. Está uma **situação bem delicada**, inglês, sabe?

Quando ela tem muitas dúvidas, recorre a sua colega da escola para ajudá-la com as tarefas. Márcia parece compreender o momento de difícil adaptação de seus professores ao ambiente virtual quando diz “por mais que eles não percebam, mas eles estão dando um bom suporte”. Entretanto, pedir ajuda para uma colega que também está com dúvidas sobre a mesma matéria não parece ser uma boa solução. A situação escolar perante a língua inglesa de Márcia destoa de todas as outras matérias. Ela fala que é uma situação delicada e que está perdida, ou seja, a metodologia de ensino talvez deva ser repensada, pois sua educação está sendo colocada em risco.

Tadeu, ao ser perguntado sobre o suporte dado por sua escola, disse:

### Segmento 11 - Tadeu

P: E como os professores de sua escola estão lhe ajudando, estão lhe dando suporte nesse ambiente virtual?

Tadeu: **A gente não tá dependendo da ajuda dos professores.** A gente criou um grupo entre a **Sala de Recursos da escola e o pessoal do Instituto.** Daí a gente pega as atividades da plataforma e tira as dúvidas da gente com o pessoal do Instituto.

P: E com relação à língua inglesa? Como é que você está conseguindo estudar inglês?

Tadeu: Em relação ao inglês, a gente tem um **grupo separado com a professora de inglês do Instituto, Lúcia, /.../** e a gente manda atividade para ela e ela ajuda a gente. A gente faz e manda pra plataforma.

As respostas de Tadeu foram muito práticas, como se ele já conhecesse a ajuda que receberia, caso pedisse auxílio aos professores de sua escola, um auxílio insuficiente para as suas necessidades. A escola mais parecia uma burocracia em sua vida, mas a junção de profissionais especializados da Sala de Recursos com os professores do ICPAC era a solução de seus problemas. Quando um aluno prefere não pedir suporte aos seus próprios professores, algo precisa ser mudado. Não houve nenhuma indignação pelo fato de seus professores da escola regular não ajudarem, nenhum desconforto com a situação, era como se tudo fosse natural. Por outro lado, é possível ver a importância dos setores especializados na educação de pessoas com deficiência e como os alunos valorizam esses ambientes de inclusão. Caso os alunos não tivessem criado um grupo de *WhatsApp* que ligasse a Sala de Recursos ao ICPAC, muito provavelmente, todos permaneceriam com dúvidas e perderiam a oportunidade de aprender. Embora toda essa situação pareça remeter a capacitação dos professores, ela também demonstra a percepção estratégica do colaborador ao escolher um caminho mais curto para uma aprendizagem mais rápida. Ele se demonstrou ciente das dificuldades que teria em sua escola regular e já solucionou o problema rapidamente. Como Tadeu era um aluno interessado em aprender, ele ainda buscou uma forma para driblar seu problema, mas essa pode não ser a escolha de muitos outros alunos que apenas vão aceitar o problema como insolucionável.

Após perceber algumas situações difíceis no ensino remoto, os colaboradores puderam sugerir mudanças no modo pelo qual as aulas se davam. Perguntado sobre como a escola poderia melhorar o ensino a distância, Roberto disse:

### **Segmento 12 - Roberto**

P: Entendi. Como é que você acha que a escola poderia melhorar o ensino a distância para alunos cegos ou com visão?

Roberto: Eu acho, Rodrigo, que ela deveria melhorar nas **atividades constantes** dos alunos. Pra nós que não vemos, é diferente de quem está numa sala de aula e enxerga, pois **têm muitos professores que não ajudam os alunos, eles nos tratam igual às pessoas que**

**enxergam.** Eles colocam atividades, **eles não passam a mão na cabeça** de nós porque nós somos deficientes, não. **Eles colocam lá, do jeito que você coloca pra quem enxerga**, eles colocam também para quem não vê. As respostas, as perguntas, as tarefas... Eu acho que deveria melhorar /.../ sabe num colégio normal? Tem aluno que estuda e é deficiente visual, mas não tem melhora nenhuma, pois **os professores talvez não são capacitados de ensinar e de dar atenção que um deficiente precisa numa sala de aula. No Instituto, são diferentes, porque todos os professores ali estão para ensinar os deficientes visuais.** Já numa sala de aula normal é diferente, pois os alunos estão misturados.

Roberto comenta sobre a falta de capacitação de seus professores, que muitas vezes o tratam como um aluno vidente, passando atividades que só alunos videntes podem fazer. Querer que um aluno com deficiência visual se desenvolva na língua estrangeira, mas não produzir atividades acessíveis para que ele possa responder é inadmissível em um contexto de educação inclusiva, afinal, “não é o aluno que deve se adaptar à escola, mas esta que necessita se organizar para atender à necessidade dos discentes” (DANTAS, 2014 apud QUINTIERE, 2017). Lima e Bastos (2020), em um trabalho sobre as experiências de alunos com o ensino remoto, também perceberam que alunos sentem ter diminuído a quantidade de horas de estudos. Isso demonstra que os professores podem tentar criar atividades mais frequentes que façam seus alunos se engajarem por mais tempo, mesmo que não estejam em aulas presenciais. Roberto demonstrou compreender a importância de se ter professores preparados para lidar com alunos com deficiência, chegando a exaltar a competência dos professores do ICPAC, um instituto que sabe como ensinar a pessoas com deficiência visual. Faz-se cada vez mais clara a necessidade da comunicação entre escolas regulares e institutos especializados em educação para pessoas com deficiência.

Tadeu fez as seguintes sugestões:

### Segmento 13 - Tadeu

P: Como você acha que a sua escola poderia melhorar o ensino a distância para cegos e alunos de baixa visão?

Tadeu: Assim, Rodrigo, /.../ ao invés de a gente que é deficiente fazer as atividades pela plataforma, **eles criassem um grupo via *Whatsapp*.** A escola podia **criar esse grupo e colocar só os deficientes**, porque lá, além de **cego**, tem **surdo** e poder utilizar essa plataforma. O que poderia ajudar é no sentido da explicação, entendeu? **A gente não ia**

**usar só o texto, e sim o áudio** da própria plataforma que o *WhatsApp* disponibiliza /.../ aí a gente ia ter mais acesso a essa explicação.

Tadeu enfatiza a importância da utilização do áudio na educação para pessoas com deficiência visual. Ele sugere a criação de um grupo de *WhatsApp* só para pessoas com deficiências, incluindo até pessoas surdas. Ter explicações via áudios de *WhatsApp* trariam uma possibilidade maior de aprendizagem para ele, pois só os textos não eram suficientes para uma boa aprendizagem. Bem como Coll et al. (2004) menciona em seus textos, a audição é um dos sistemas sensoriais que substituirá a visão em pessoas cegas. Márcia também deu sua opinião:

#### Segmento 14 - Márcia

P: Como você acha que a sua escola poderia melhorar o ensino a distância para cegos ou alunos de baixa visão?

Márcia: Eu acho que vem dos professores mesmo. Na minha opinião, **o problema está somente na forma que eles mandam as atividades**. Acho que como a gente está tendo que fazer as atividades virtualmente, como eles não sabem o Braille, é impossível deles compreenderem as minhas atividades /.../. Ou seja, **é só mandar atividades por formulário**, eles mandam o formulário e a gente responde. Pode ser questão aberta ou fechada, tanto faz, formulário, acho que **é a única forma que é simples, é acessível tanto para mim, quanto para eles, professores. E vídeo, se for para ajudar com o conteúdo /.../. O professor mesmo pode gravar o vídeo explicando o conteúdo**, como dois professores já estão fazendo isso. **Não mandar vídeo só com imagem** e são esses pequenos detalhes. **Eles só têm que lembrar da gente! A questão é só lembrar, sabe?!?**

Márcia problematiza a forma pela qual as atividades são enviadas e propõe que seus professores enviem atividades em forma de formulários que podem ser feitos através do *Google Forms*. Os formulários são acessíveis, não apenas por possuírem questões de múltipla escolha, mas também abrem a possibilidade de responder a perguntas abertas. Ela também ressalta a importância do professor mandar vídeos, com suas próprias explicações, mas tomando os devidos cuidados para não esquecer de descrever imagens contidas neles. Mais uma vez, como Coll et al. (2004) falou, deve-se dar importância à audição de pessoas cegas. Ela termina a entrevista com um apelo - “Eles só têm que lembrar da gente!” A questão é só

lembrar, sabe?!?”. Sua voz precisa ser ouvida, seus direitos precisam ser realizados. Não adianta o Brasil ter leis e ninguém as seguir. A educação inclusiva é direito de todos os brasileiros.

Quando perguntado sobre o que mais sentia falta do ensino presencial, Tadeu disse:

### **Segmento 15 - Tadeu**

P:Do que você mais sente falta do ensino presencial?

Tadeu: Ah, Rodrigo... é a **explicação dos professores** que ajudam muito a gente e o **contato com o pessoal da sala** que a gente faz as **atividades em grupo**, em dupla e tal. Aí é mais uma aprendizagem pra gente, né? Mas é mais pelo efeito das **explicações dos professores** mesmo.

Como a metodologia das aulas virtuais de Tadeu consistia em recebimento de atividades e envio de suas respectivas respostas, era de se esperar que o colaborador sentisse falta do ambiente escolar, onde ele podia tirar dúvidas mais rapidamente com os professores e participar de atividades em grupo. O contato físico com objetos e até mesmo com colegas e professores é de extrema importância na vida de uma pessoa com deficiência visual, conforme discutimos no capítulo teórico, o tato favorece bastante ao aprendizado de conteúdos (DANTAS, 2014; MEDRADO, DANTAS, 2014), entretanto, em um ensino remoto, isso é praticamente impossível.

Através desta análise, foi possível entender, através da percepção dos alunos, que o ensino remoto emergencial está acontecendo em suas escolas. Em alguns casos, o uso dessas plataformas é de iniciativa dos próprios professores, enquanto em outros casos, é uma adequação à política de ensino remoto adotada pela respectiva rede de ensino pública. Nos dois casos, caberia às redes oferecer a capacitação sobre os recursos para a inclusão oferecidos pela plataforma utilizada e pela *internet* de uma forma geral, e aos professores buscar utilizar os recursos mais acessíveis em cada plataforma, considerando às condições e as necessidades específicas de cada aluno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou investigar como quatro alunos de inglês, cegos e de baixa visão, do ICPAC estão compreendendo o processo de aprendizagem remoto de língua inglesa em suas escolas durante o contexto de pandemia de COVID-19. Vale a pena lembrar que as questões de pesquisa visavam entender a maneira pela qual os colaboradores compreendiam a assistência que as escolas estavam lhes fornecendo, quais estratégias e ferramentas estavam sendo utilizadas pelos colaboradores para estudar inglês, bem como tentar perceber de que modo os colaboradores compreendiam que os professores podiam criar aulas *online* que favorecessem a aprendizagem da língua inglesa para eles.

É necessário enfatizar que todos os colaboradores pertenciam à rede pública de ensino e, mesmo assim, todos estavam tendo aulas virtuais, mesmo que metodologias diferentes estivessem sendo utilizadas. Através das entrevistas, pôde-se perceber que cada escola adaptou suas aulas para não prejudicarem seus alunos em seus estudos, o que é uma ação louvável, levando em consideração o estado caótico em que o Brasil se encontra. Seria muito fácil deixar todos estudantes da rede pública sem aula e alegar que não existiam meios pelos quais estes pudessem ter contato com suas escolas. Por um lado, é importante ressaltar que mesmo em escolas públicas, os colaboradores notavam que o ensino remoto estava acontecendo, por outro lado, as aulas de inglês não pareciam estar ocorrendo de maneira adequada. Três colaboradores explicaram que estavam com muitas dificuldades nas aulas, chegando ao ponto de nem perguntarem nada à professora da escola regular (cf. Segmento 11), pois se sentiam mais confortáveis com a professora do ICPAC para tirar suas dúvidas. A maioria dos colaboradores expressou uma dificuldade maior com a língua inglesa do que com as outras matérias estudadas, evidenciando uma real necessidade de se mudar o modo pelo qual a disciplina estava sendo ensinada remotamente.

Dificuldades para entender a pronúncia da professora, metodologia que remetia à repetição de palavras e até a busca por outra professora para solucionar dúvidas, evitando contato com a professora de inglês da escola regular, foram estratégias tecidas pelos colaboradores para lidar com os desafios de se aprender inglês remotamente.

É importante de se mencionar o fato de que todos os alunos tinham acesso à *internet* e fizeram as entrevistas facilmente por meio dos áudios de *WhatsApp*, demonstrando a potencialidade do dispositivo para a comunicação, podendo ser usado por pessoas que não são tão abastadas financeiramente com eficiência e eficácia. O *WhatsApp* mostrou-se ainda mais importante em um contexto de inclusão de pessoas com deficiência visual à educação, pois, de acordo com os dados levantados nas entrevistas, as explicações dos professores ficavam mais claras quando mensagens de áudios eram enviadas. Além do *WhatsApp*, o *Google Class* também foi mencionado por três colaboradores e serve como ferramenta para compartilhamento de atividades e agrupamento de notas dos alunos. Em tempos de aulas virtuais, é uma ferramenta que ajuda bastante na organização dos professores e alunos, pois permite a separação de aulas por matérias. As videochamadas via aplicativo Zoom também se mostraram como boas alternativas para fazer com que as aulas virtuais fossem mais dinâmicas e encurtassem o tempo de resposta entre professor e aluno.

Quando perguntados sobre possíveis melhorias que seus professores poderiam fazer no ensino remoto, os colaboradores mencionaram atividades que poderiam ser feitas pelo *Google Forms*, aulas por videochamadas, aulas por áudios, vídeos com descrições de imagens e mais tempo para a resolução das tarefas. Fica clara a necessidade de o professor se esforçar para aprender sobre os recursos tecnológicos disponíveis para oferecer aulas virtuais de qualidade. Obviamente, os professores também estão sobrecarregados e sem apoio neste momento, o que torna compreensível alguns lapsos em suas metodologias.

Como vários estímulos táteis, olfativos e gustativos foram ceifados com o início das aulas virtuais, os professores poderiam pensar em usar suas criatividades para estimularem seus alunos com deficiência visual através dos sons. Talvez seja um pouco difícil, para quem enxergue, entender que as pessoas que não possuem visão compreendem o mundo muito melhor através dos sons. Nas aulas de inglês, por exemplo, os professores podem criar atividades de vocabulário sem ter que, a princípio, escrever as palavras para os alunos. Sons específicos podem ser usados, como o badalar de sinos, para representar a palavra “church” e sons de alguém batendo em uma madeira, para representar “door”. Os sons podem ser encontrados em *sites* como o *YouTube*, bastando apenas buscar pelo nome do objeto, seguido pela palavra “sound”. Cabe ao professor ressignificar suas aulas para transformá-las em ambientes inclusivos, mesmo que seja uma sala de aula virtual. Apenas enviar a palavra em

português, traduzi-la para o inglês e repeti-la algumas vezes, como estava sendo o caso de um dos colaboradores (cf. Segmento 11), não parece ser uma estratégia suficientemente boa para desenvolver habilidades linguísticas de pessoas com deficiência visual. Os professores precisam tentar se colocar no lugar de seus alunos, a fim de perceberem onde podem melhorar.

Escutar o que os alunos com deficiência têm a dizer é apenas o primeiro passo para o aprimoramento do ensino não só remoto, mas também presencial. Fazer com que as escolas regulares entrem em contato com setores especializados em educação inclusiva, como os Institutos dos Cegos seria essencial para que situações difíceis e até que ferem a constituição não acontecessem mais nas vidas de pessoas com deficiência.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Instrução Normativa n. 145** de 13 de setembro de 2016. Regulamentada pelo Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, e na Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, em sua 703ª Reunião de Diretoria Colegiada, de 08 de outubro de 2018. Brasília, DF, 09 out. 2018. Seção 1, p. 9.

ALVES, O. P. S., CARVALHO, F. C. M., LEONEL, W. H. S., LIMA, H. M., SOUZA, M. C.. **A descrição de imagens como recurso de acessibilidade para o deficiente visual no ensino superior na modalidade à distância**. Maringá/PR, maio, 2017. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2017/trabalhos/pdf/20.pdf>>. Acesso em 21/07/2020.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. **Educação remota emergencial**: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de covid-19. Em Rede: Revista de educação a distância, [S. L.], v. 7, n. 1, p. 257-275, 25 maio 2015. Disponível em: <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 21 jul. 2020.

BASTOS, R. L. G e LIMA, S. C. **Narrativas de aprendizagem de inglês em tempos de pandemia**. Reflexões sobre o ensino de línguas e literatura, formação docente e material didático. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 319p.

BAZANELLA, Lothar Antenor. Um caminho sem volta. In: MOTTA, Livia Maria Villela de Mello; ROMEU FILHO, Paulo (org.). **Audiodescrição**: transformando imagens em palavras. São Paulo: Secretaria do Estado de São Paulo, 2010. p. 209-211. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro\\_Audiodescricao.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/planejamento/prodam/arquivos/Livro_Audiodescricao.pdf). Acesso em: 21 jul. 2020.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 135 p.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, 292 p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **CNE/CEB Resolução CNE/CEB nº 2**, de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Brasília, DF, 09 set. 2011 Acesso em: 12/07/2020.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. **Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência**. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm); Acesso em: 14/07/2020.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm). Acesso em 15/07/2020.

\_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 04/06/2020.

COLL, C., MARCHESI, A. e PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos de desenvolvimento e necessidades educativas especiais**. Artmed, 2ª Edição, Vol. 3, 2004. (p.151-152). Disponível em: <https://www.livrebooks.com.br/livros/desenvolvimento-psicologico-e-educacao-2ed-vol3-cesar-coll-alvaro-marchesi-jesus-palacios-ysy6dqaqbaj/baixar-ebook>. Acesso em 14/07/2020.

MEDRADO, Betânia Passos; SILVA, Rosyclléa Dantas. **Ela sempre tava do nosso lado: percepções da inclusão por alunos deficientes visuais em aulas de língua inglesa**. Revista Línguas & Letras, Cascavel, v. 13, n. 24, p. 13-34, 01 jan. 2012. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/6632>. Acesso em: 08 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **Discutindo trabalho docente e deficiência visual: ética e formação**. CINTEDI, Congresso Internacional de Educação. 2014.

\_\_\_\_\_. **O dizer sobre o fazer pedagógico: vozes e sentidos em um contexto de inclusão**. Revista Investigações João Pessoa – PB, vol. 27, n. 2, p. 1-29 Julho/2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/571>. Acesso em: 08 jun. 2020.

\_\_\_\_\_. **Materiais didáticos acessíveis de língua inglesa para alunos com deficiência visual**. Editora Ideia, João Pessoa, 2019.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cadernos de Pesquisa, [S.L.], n. 115, p. 139-154, mar. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742002000100005>.

HAGUENAUER, C. **Metodologias e estratégias na educação a distância**. Laboratório de pesquisa em tecnologias da informação e de comunicação LATEC, 2005. Disponível em: <http://www.latec.ufrj.br/portfolio/at/4%20EAD%20metodologias.pdf>. Acesso em 14/07/2020.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 4ª ed Petrópolis: Vozes, 1995.

HODGES, C. **Diferenças entre o aprendizado online e o ensino remoto de emergência**. Revista da Escola, Professor, Educação e Tecnologia. 2020. Recife-PE vol. 2, n. 2, p. 1-12 Julho/2020. Disponível em: <http://escribo.com/revista/index.php/escola/article/view/17>. Acesso em 23/07/2020.

MOTTA, L. M. V. de M. **Aprendendo a Ensinar Inglês para Alunos Cegos e com Baixa Visão: um Estudo na Perspectiva da Teoria da Atividade**. 2004. 204 f. (Tese) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2004.

NÓVOA, A. **A educação em tempos de pandemia**. *Live* disponível em: <https://porvir.org/acontece/transmissao-online-com-o-professor-portugues-antonio-novoa/>. Acesso em 21/07/2020.

QUINTIERE, Isabor Meneses. **Deficiência visual e língua inglesa no Enem: percepções de aluno e professora**. 2017. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Inglês, Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/3322>. Acesso em: 16 nov. 2017.

SENADO NOTÍCIAS. **Senado aprova adiamento de ENEM 2020: Matéria vai à Câmara**. 19/05/2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/05/19/senado-aprova-adiamento-do-enem-2020-materia-vai-a-camara>. Acesso em: 03/04/2020

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional. 1994.

UNESCO. **Convenção da Guatemala**. 1999.

## APÊNDICES

### A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### Roteiro de Entrevista TCC

- 1) Como você se chama?
- 2) Qual é a sua idade?
- 3) Em que ano você está?
- 4) Você estuda em uma escola pública ou privada?
- 5) Como está sendo a sua conexão com a escola neste período de pandemia?
- 6) A sua escola está oferecendo aulas virtuais?
- 7) Como são estas aulas?
- 8) Como o professor de sua escola está lhe dando suporte no ambiente virtual?
- 9) Os professores da sua escola estão disponibilizando materiais acessíveis para você?
- 10) Como os professores estão fazendo as avaliações neste momento de aula virtual?
- 11) Você consegue ter autonomia para fazer suas atividades ou alguém vidente precisa ajudar nas tarefas? Se você precisa de ajuda, quem está assumindo esse papel na sua casa ?
- 12) Do que você mais sente falta do ensino presencial?
- 13) Como você está conseguindo estudar inglês?
- 14) Quais materiais didáticos você utiliza para estudar inglês?
- 15) Como a sua escola poderia melhorar o ensino a distância para cegos ou alunos de baixa visão?
- 16) No geral, quão satisfeito você está com o ensino remoto de sua escola?

## **B - TRANSCRIÇÕES**

### **Transcrição Márcia**

P: Como você se chama e qual é a sua idade?

Márcia: Márcia e tenho quinze anos.

P: Você é cega ou tem baixa visão?

Márcia: Cega.

P: Você nasceu com a deficiência visual ou adquiriu durante a vida? Tem como você dar uma explicada... contar um pouquinho história?

Márcia: Eu nasci com glaucoma congênito, glaucoma e catarata congênita, aí nasci cega, total e com quinze dias minha mãe descobriu que eu tinha deficiência. /.../. Com seis meses eu fiz minha primeira cirurgia de glaucoma, aí enxerguei até oito, enxerguei pouquinho, eu era considerada como B2, não sei a porcentagem de quanto eu enxergava, mas enxergava pouquinho. Com oito, eu fiz outra cirurgia de glaucoma, aí fiquei cega total e estou assim até hoje.

P: E em que ano você está?

Márcia: Estou no nono ano.

P: E você estuda em uma escola pública ou privada?

Márcia: Escola pública.

P: E como está sendo a sua conexão com a escola neste período de pandemia?

Márcia: Eu estou estudando todas as matérias via plataforma, e-mail, né? Google sala de aula. Todos os professores nos seus respectivos dias de aula mandam as atividades via e-mail e eu respondo. Uns por formulário, outros anexam algum documento com atividades escritas, aí eu copio e tiro a foto do que eu escrevi em Braille e anexo a foto. Eles não entendem, mas está registrado que eu fiz a atividade. /.../

P: Você poderia me explicar mais um pouquinho sobre essas aulas? Ou são só atividades que eles vão mandando e você vai preenchendo?

Márcia: A gente não está tendo, exatamente, aula. Os professores mandam as atividades, como eu te expliquei no áudio anterior /.../ e a gente faz. Só que duas professoras, por conta própria decidiram dar aula à gente. Perguntaram se nós aceitaríamos, se a gente achava legal a ideia, a gente concordou, demos nossa opinião e as duas fazem aula por conta própria, mas pra dizer que, em geral, está tendo aula, a gente não está tendo aula. Os professores só mandam as atividades e a gente faz (risos), ou pelo menos tenta.

P: Essas duas professoras gravam vídeos e mandam para vocês? Elas gravam áudios e mandam para vocês? /.../ Como é que elas fazem?

Márcia: Não, as aulas delas são via ZOOM, ZOOM é um aplicativo, eu não sei explicar exatamente, mas elas fazem tipo uma videoconferência, mandam o link para o grupo e os alunos entram na videoconferência. É como uma aula mesmo, só não é presencial. Ela tira nossas dúvidas, explica o conteúdo, é bem melhor (risos). /.../

P: Me diz como você se sente com o fato dos professores não entenderem o Braille /.../?

Márcia: Olha, Rodrigo, eu não tenho palavras para descrever... na verdade eu tenho, sim! Eu considero um atraso, um atraso na educação. Um simples descuido da educação mesmo. Porque há, sim, a possibilidade de haver uma cadeira de Braille nas universidades. Se tem Libras, por que não tem o Braille? Você me entende? Eu considero um atraso e eu fico muito triste por isso, porque agora mesmo tem muitas atividades minhas que os professores não estão podendo avaliar, para ver se eu estou certa, pra ver se eu estou respondendo certo. Essas coisas, esses mínimos detalhes que eu gosto que eles avaliem, eu gosto muito quando um professor me passa um feedback, se eu acertei, se eu errei, em quê eu preciso melhorar. E agora está sendo praticamente impossível de eles fazerem isso. Então eu fico triste...

P: E como que os professores da sua escola estão te dando suporte nesse ambiente virtual?

Eu não entendi a pergunta (risos)...

P: Para você, como aluna cega, eles estão te dando um suporte suficiente nesse momento de aulas virtuais, nesse momento de pandemia? Eles estão disponibilizando materiais acessíveis para você?

Márcia: Alguns, sim e outros, não. Tem alguns professores, eu não vou citar nomes, nem matéria, que mandam a atividade e, de suporte para todos, mandam um vídeo. Nesse vídeo só contêm imagens, ou seja, isso não é acessível, porque eles deixam bem claro que tem que assistir ao vídeo para responder a atividade. Aí eu sempre pego no pé - “professor, professora, o vídeo só tem imagem, por favor, descreve aí para mim a imagem”. Aí o professor, professora, descreve, mas isso é difícil de acontecer. Já aconteceu umas duas vezes em duas matérias, mas é difícil. Agora, tem uma professora que, depois que aconteceu a primeira vez,

agora, toda vez que ela manda o vídeo, tendo voz ou não, ela descreve pra mim, todas as vezes. /.../ Essa acessibilidade, de material acessível, acho que a maioria dos professores está, sim, me dando um bom suporte. Por mais que eles não percebam, mas eles estão dando um bom suporte.

P: E como os professores estão fazendo as avaliações neste momento de aulas virtuais?

Márcia: Acho que a avaliação que você está falando é, tipo prova, trabalho, esse tipo de coisa, né? Não está tendo. Eles só mandam atividades e pronto. Eles pretendem usar essas atividades como nota geral para a gente. Por enquanto, não fizeram nenhum outro tipo de avaliação.

P: E você consegue fazer essas atividades com autonomia ou você precisa de alguma pessoa vidente para te auxiliar em casa?

Márcia: Quando é atividade por formulário, para responder por formulário, eu consigo fazer sozinha. Agora, quando é para copiar e responder, copiar, em Braille, eu preciso de ajuda. Isso é problema pessoal mesmo. Meu leitor de tela, eu tenho um que lê rápido demais (risos) e não respeita as pontuações e o outro demora demais para ler. Não é ninguém de casa que me ajuda, não, é uma colega da escola.

P: Como você está conseguindo estudar inglês?

Márcia: Ah, inglês está bem mais delicado. A professora... ela manda vídeo... olha, eu vou ser bem sincera! Eu não estou conseguindo fazer sozinha (risos). Ela manda para a gente copiar as atividades e responder. Eu não estou conseguindo entender o assunto. Inglês é uma das matérias em que estou totalmente perdida. Na maioria das vezes eu preciso da ajuda de uma amiga minha. Na verdade, eu e ela, uma ajuda a outra. Está uma situação bem delicada, inglês, sabe? No início ela estava mandando vídeo, mas eu não consigo compreender pelo fato de eu não entender a pronúncia do inglês. Aí fica bem confuso, porque, às vezes, as respostas estão na imagem. Então é uma situação bem delicada (risos).

P: E quais são os materiais didáticos que você está usando para estudar inglês? A professora, por acaso, passa algum site específico para vocês estudarem, ela manda, de alguma forma, materiais para vocês? Como é que ela faz?

Márcia: Ela manda atividade pelo Word /.../ e às vezes anexa vídeo, porque vídeo ajuda a responder, né? Só semana retrasada que ela mandou uma atividade pelo site, só que não era acessível para mim. Aí eu falei para ela e ela deixou para lá (risos).

P: Como assim ela deixou para lá?

Márcia: Eu falei para ela (risos), que o site não era acessível, que eu não estava conseguindo responder e ela falou - “não, já que você não consegue responder, eu vou considerar como se você tivesse feito a atividade”. Eu respondi - “está bom. ok, né?”. Eu não tinha o que falar.

P: Entendi. E do que você mais sente falta do ensino presencial?

Márcia: Eu sinto falta da aula em si, de tirar dúvidas, da aula mesmo (risos). Porque, como a escola não está disponibilizando aula /.../, então é isso (risos). Oportunidade de tirar dúvidas... Aula, aula, aula.

P: Como você acha que a sua escola poderia melhorar o ensino a distância para cegos ou alunos de baixa visão?

Márcia: Eu acho que vem dos professores mesmo. Na minha opinião, o problema está somente na forma que eles mandam as atividades. Acho que como a gente está tendo que fazer as atividades virtualmente, como eles não sabem o Braille, é impossível deles compreenderem as minhas atividades /.../. Ou seja, é só mandar atividades por formulário, eles mandam o formulário e a gente responde. Pode ser questão aberta ou fechada, tanto faz, formulário, acho que é a única forma que é simples, é acessível tanto para mim, quanto para eles, professores. E vídeo, se for para ajudar com o conteúdo /.../. O professor mesmo pode gravar o vídeo explicando o conteúdo, como dois professores já estão fazendo isso. Não mandar vídeo só com imagem e são esses pequenos detalhes. Eles só têm que lembrar da gente! A questão é só lembrar, sabe?!?

P: E, para finalizar, quão satisfeita você está com o ensino a distância de sua escola?

Márcia: Satisfeita? É... a atenção deles está muito boa. Dá para perceber que eles estão realmente se esforçando, cada dia mais, para todos os alunos terem acesso às atividades. estão preocupados com aqueles que não estão conseguindo... Ah, eu estou satisfeita setenta por cento.

P: Esses trinta por cento são essas questões que você me falou sobre eles mandarem uns vídeos, às vezes, só com imagens? Quando eles mandam um vídeo que não tem descrição? Uma atividade que você não consegue fazer sem a ajuda de uma pessoa que enxergue? É isso ou tem mais algumas coisas? Se quiser, pode comentar aqui.

Márcia: Sim, sim. É basicamente isso os outros trinta por cento que estão faltando. Como eu te disse, como a maioria dos professores não está dando aula mesmo, somente duas professoras, então isso também faz parte dos trinta por cento. Porque é fundamental, virtual ou não, aula é fundamental.

## Transcrição Tadeu

P: Como é o seu nome e qual é a sua idade?

Tadeu: Ele escreveu no chat: “Nome Tadeu José Duarte idade 16”

P: Pode ir mandando áudio mesmo, tá? Em que ano você está?

Tadeu: Primeiro ano do ensino médio.

P: Você é cego ou tem baixa visão?

Tadeu: Baixa visão.

Estuda em uma escola pública ou privada?

Tadeu: Escola pública.

P: E como está sendo a sua conexão com a escola neste período de pandemia?

Tadeu: É, está sendo mais ou menos. Não está muito boa, não. Porque a plataforma em que eles estão fazendo não está tão acessível, não.

P: A sua escola está oferecendo aulas virtuais?

Tadeu: Sim.

P: Como são essas aulas?

Tadeu: São pela plataforma chamada Google Class e é disponibilizada por temas. O Estado manda temas, outro outro, e os professores montam as atividades com esses temas, mas não é tão acessível para a gente que é deficiente, não. E está sendo mais ou menos, a gente dá pra levar...

P: E como os professores de sua escola estão lhe ajudando, estão lhe dando suporte nesse ambiente virtual?

Tadeu: A gente não tá dependendo da ajuda dos professores. A gente criou um grupo entre a Sala de Recursos da escola e o pessoal do Instituto. Daí a gente pega as atividades da plataforma e tira as dúvidas da gente com o pessoal do Instituto.

P: Explica só um pouquinho mais sobre essas aulas. Eles mandam vídeos? Eles mandam áudios ou eles mandam as atividades e vocês respondem? Como é que é?

Tadeu: Assim, eles mandam as atividades lá para a plataforma. Atividades com vídeos, eles mandam o link do vídeo pela plataforma, aí vai em direção ao YouTube. Daí a gente assiste e tal, quando dá pra gente responder sozinho, a gente responde sozinho, quando não dá, a gente faz, direciona isso pro grupo que a gente criou no *WhatsApp*, pro Instituto. E é de tudo: é vídeo, é áudio, texto.

P: E para você, como uma pessoa que tem baixa visão, esse vídeos são acessíveis?

Tadeu: Assim Rodrigo... Tem professor que realmente se preocupou com essa acessibilidade da gente, agora tem professor que nem ligou. Pra eles foi como “tanto faz, tanto fez” e colocou e faça quem puder, mas para mim, que ainda sou baixa visão, eu consigo, agora meus colegas que são cegos... aí já não sei, tipo, eu creio que eles não conseguem, por causa dos vídeos que a maioria é muita imagem. Aí não dá.

P: E os textos são acessíveis? Os outros materiais que os professores mandam são acessíveis ou não?

Tadeu: Alguns materiais, sim, agora tem texto que eles pegam como se fosse a imagem, sei lá como é que eles fazem, e mandam para a plataforma. Aí a gente não consegue, não. A gente pede o apoio do grupo do Instituto para eles lerem para a gente. A maioria está acessível.

P: E como os professores estão fazendo as avaliações neste momento de aula virtual? Eles marcam um dia para uma prova ou eles vão dar uma nota para as atividades que vocês estão enviando?

Tadeu: Sim Rodrigo, no momento os professores não estão fazendo avaliação. Porque quem está mandando essas atividades é o Estado, mandando tema, e eles estão fazendo de acordo com o tema as atividades. Aí alguns professores estão dizendo que quando voltar as aulas, se voltar as aulas esse ano, depois vão ver e dar uma nota.

P: Você me disse que algumas atividades você consegue fazer, né? E outras você precisa pedir ajuda ao pessoal do Instituto dos Cegos ou para alguma outra pessoa. Na sua casa tem alguma pessoa que te ajude a fazer essas tarefas?

Tadeu: De vez em quando, meu irmão ajuda, minha mãe...

P: Do que você mais sente falta do ensino presencial?

Tadeu: Ah, Rodrigo... é a explicação dos professores que ajudam muito a gente e o contato com o pessoal da sala que a gente faz as atividades em grupo, em dupla e tal. Aí é mais uma aprendizagem pra gente, né? Mas é mais pelo efeito das explicações dos professores mesmo.

P: E com relação à língua inglesa? Como é que você está conseguindo estudar inglês?

Tadeu: Em relação ao inglês, a gente tem um grupo separado com a professora de inglês do Instituto, Lúcia, /.../ e a gente manda atividade para ela e ela ajuda a gente. A gente faz e manda pra plataforma.

P: E, além do auxílio do Instituto, você utiliza algum material didático para estudar? Ou você usa alguma ferramenta, entra em algum site pra estudar inglês ou tem um livro?

Tadeu: Não, não. Não entro em nada, não. Nem site, nem material, nem nada.

P: Como você acha que a sua escola poderia melhorar o ensino a distância para cegos e alunos de baixa visão?

Tadeu: Assim, Rodrigo, /.../ ao invés de a gente que é deficiente fazer as atividades pela plataforma, eles criassem um grupo via *WhatsApp*, igual a FUNAD criou um grupo com os alunos da escola Ana Paula, que é dentro da sede da FUNAD, criou e fez o projeto e tá usando com os alunos que são deficientes de lá /.../. A escola podia criar esse grupo e colocar só os deficientes, porque lá, além de cego, tem surdo e poder utilizar essa plataforma.

P: E de que forma você acha que o *WhatsApp* favoreceria no aprendizado de inglês pra você?

Tadeu: O que poderia ajudar é no sentido da explicação, entendeu? A gente não ia usar só o texto, e sim o áudio da própria plataforma que o *WhatsApp* disponibiliza /.../ aí a gente ia ter mais acesso a essa explicação.

P: Me fala só um pouco mais sobre a aula de inglês. É o mesmo esquema das outras matérias? Vocês recebem as atividades da plataforma, respondem e enviam para a professora ou professor? Ou tem alguma coisa diferente?

Tadeu: Não, não, Rodrigo, diferente, não tem, não. /.../

P: Para finalizar a entrevista, quão satisfeito você está com o ensino remoto, com o ensino a distância de sua escola?

Tadeu: É para dizer a porcentagem entre zero e cem por cento /.../?

P: Pode ser porcentagem, pode ser que a escola está excelente, ótima, tá boa, tá ruim, tá mais ou menos, podia ser melhor...

Tadeu: Ah, entre zero e cem por cento tá sessenta por cento, sessenta e cinco, tá mais ou menos.

P: Depois de dizer essa porcentagem, você consegue dizer mais alguma coisa, além do *WhatsApp* que eles poderiam colocar pra vocês? Algo mais que eles poderiam melhorar?

Tadeu: Assim, se eles não quisessem atender a essa sugestão do *WhatsApp*, eles podiam melhorar mais a plataforma. Em questão de organização de matéria.

P: Como é a organização e o que é que você acha ruim nela?

Tadeu: Assim, Rodrigo, é a questão de separação de matérias. Os professores estão mandando as atividades, mas não estão colocando o nome, assim, vem o nome do professor, mas a gente não consegue decorar os nomes dos professores, aí, nessa questão, a gente tem que saber, deduzir ali o nome pra ver de quê é a matéria. Aí eu queria que tivesse o nome dos professores.

### **Transcrição Eudes**

P: Qual é o seu nome e qual é a sua idade?

Eudes: Eudes. Tenho vinte-e-cinco anos.

P: Você é cego ou tem baixa visão?

Eudes: Eu tenho baixa visão.

P: Você estuda em uma escola pública ou privada?

Eudes: Pública.

P: E em qual ano você está?

Eudes: Terceiro ano.

P: E em qual ano você está?

Eudes: Terceiro ano.

P: Como está sendo a sua conexão com a escola neste período de pandemia?

Eudes: Os professores mandam conteúdos, eles explicam e a gente faz em casa mesmo, as tarefas. /.../

P: A sua escola está oferecendo aulas virtuais ou eles só estão mandando as tarefas para vocês? /.../ Eles mandam um vídeo, com a aula, para vocês? Eles mandam em áudio? Eles usam o *WhatsApp*? Eles usam uma plataforma diferente? Como é que é?

Eudes: Está tendo aulas virtuais.

P: Me explica um pouquinho como funciona a aula... é uma aula ao vivo? O professor tem como interagir com vocês ou é videochamada? Vocês falam na mesma hora com o professor e ele responde?

Eudes: Eles mandam as plataformas digitais.

P: Mas como é? Você conversa com o professor ou eles mandam um vídeo para você assistir?

Eudes: Ah, sim! É uma aula ao vivo, sabe? Eu converso com os professores, os professores mandam as atividades e eu converso com os professores por vídeo.

P: E os professores da sua escola estão disponibilizando materiais acessíveis para você?

Eudes: Sim.

P: Quais são esses materiais que eles utilizam com você?

Eudes: Materiais impressos.

P: Materiais impressos? Eles estão entregando para vocês em casa ou você quis dizer materiais, como arquivos de Word, PDFs, que dá para ler no computador?

Eudes: Eles estão mandando PDFs./.../

P: E você consegue ter autonomia para fazer as atividades ou precisa de alguém que enxergue por completo para te ajudar nas atividades?

Eudes: Meu pai é quem me ajuda com as atividades.

P: Como os professores as avaliações neste momento de aula virtual? Eles marcam um dia para fazer uma prova ou eles vão avaliar essas atividades que vocês estão mandando para eles?

Eudes: Eles mandam uma avaliação...

P: E como é essa avaliação?

Eudes: Eles marcam uma avaliação e... É assim, primeiro bimestre, eu pego e faço uma avaliação e quem tira nota baixa, faz uma recuperação para recuperar a nota...

P: Mas essa prova, ela é parecida com aquela que a gente fazia no colégio? Quando a gente ia lá, presencialmente, ou ela tem alguma diferença de uma prova normal? Elas têm outras regras? Ela é acessível para você? Como é que ela é? Me fala sobre a avaliação mesmo.

Eudes: É aquela mesma prova que eu faço no colégio. /.../

P: Como os professores estão lhe dando suporte nesse ambiente virtual?

Eudes: O suporte que eles dão é muito bom, sabe? Eles me ajudam, sabe? Ajudam aos outros também... Eu acho muito boa a qualidade deles, eu acho muito boa...

P: E do que você mais sente falta do ensino presencial?

Eudes: Dos conteúdos.

P: E da interação com o professor? Dos colegas? De alguma outra coisa que tinha na escola ou só dos conteúdos mesmo?

P: E como você está conseguindo estudar inglês?

Eudes: /.../ Eu estou conseguindo estudar bastante, inglês, mas eu estou conseguindo...

P: O professor ajuda? Você estuda em casa sozinho? Você tem material para estudar inglês? Você usa algum aplicativo? Assiste algum vídeo no youtube? Como é que você está fazendo?

Eudes: Eu assisto muitos vídeos no youtube de inglês.

P: Ah, é? Você consegue lembrar de algum canal que você goste muito do youtube ou algum vídeo específico que você use para aprender?

Eudes: Canal... eu não lembro, não.

P: Mas você lembra sobre o que é que são os vídeos?

Eudes: É... um tema.

P: Você acha que a sua escola poderia melhorar o ensino a distância para pessoas com deficiência visual? Como você acha que ela poderia melhorar?

Eudes: /.../ Não, não precisa melhorar, não. Eu estou me adaptando muito bem. /.../

P: Para finalizar, eu queria saber quão satisfeito você está com o ensino a distância da sua escola.

Eudes: Com a distância da minha escola? Eu estou achando muito bom, eu estou achando legal, estou achando ótimo.

### **Transcrição Roberto**

P: Como você se chama e qual é a sua idade?

Roberto: Eu me chamo Roberto e a minha idade é quarenta e seis anos.

P: Você tem baixa visão ou é cego? Você pode me contar um pouquinho da sua história.

Roberto: Eu sou cego. Enxerguei até os meus 35 anos e perdi minha visão completa ao chegar a essa idade. Pra mim foi um momento difícil, pra mim foi um momento de desespero, pra mim foi um momento de não achar o chão para pisar. Quando completei trinta e cinco anos eu não enxergava mais. Daí começou uma luta grande, uma batalha grande e comecei a passar por muitas dificuldades, por muitas humilhações, por muito desprezo. Sabemos que quando nascemos enxergando, aprendemos de tudo um pouco. Aprendemos o primeiro passo, aprendemos a primeira sandália, aprendemos a primeira roupa, aprendemos a primeira colher para colocar na boca. Sabemos que foi um desespero, foi uma luta para levantar a minha cabeça, pois quando o médico disse para mim que não tinha mais jeito, que a minha visão não tinha mais solução para o meu problema. Eu não me desesperei, eu não entrei em depressão, eu não entrei em desespero, porque eu já sabia que isso ia acontecer em minha vida. Passei a buscar solução, passei a buscar alegria, passei a buscar coragem. Sabemos que temos coragem de lutar por aquilo que nós queremos e comecei a ouvir a uma voz que me dizia: “levanta a tua cabeça, pois tu não estás só nesta batalha”. E quando eu comecei a frequentar a FUNAD, eu comecei a ver os meus colegas deficientes visuais e eles falavam muito pra mim “olha, Roberto, tu vais conseguir, tu vais vencer na vida”. Daí eu comecei a aprender a andar, a me movimentar com a professora Lúcia, que foi uma professora nota dez pra me ajudar a

aprender a usar a bengala. E aí eu comecei a me levantar e pedir coragem a deus, pois tinha uma família que estava perto, mas mesmo assim, distante, tinha família que estava ali para me apoiar, também tinha família que não estava. E isso pra mim foi um total desespero, mas comecei a estudar pela FUNAD e comecei uma vida que foi parada, pois era um homem trabalhador, um homem lutador, trabalhei muito em canavial, em roça. Tive que trabalhar aos meus sete anos de idade, tive que parar os meus estudos aos oito anos de idade porque tive que colocar comida dentro da casa de meus pais e comecei uma vida de desespero, pois muitas vezes procurava pessoas, amigos e todos eles sumiram de perto de mim, principalmente a família, primeiro casamento, a esposa saiu fora do casamento, abandonou, né? E daí eu comecei a ver os meus colegas ali, lutando, chegando ali na FUNAD de ônibus e eu perguntava a mim mesmo se eu era capaz de vencer na vida. Tive o apoio de muitas colegas, como Socorro, como Isabel, como Adailton, né? Como Amaral, como Isaías... Foram as pessoas que me deram apoio na minha vida de começo de perda de visão e isso não foi fácil para chegar até aqui onde cheguei. Hoje eu me sinto feliz, hoje eu me sinto realizado e fui buscar ajuda, pois onde eu morava não tinha solução para o problema, não estudava, não podia sair, mas chegando aqui em João Pessoa eu aprendi muitas coisas. Eu aprendi a viver, a levantar a minha cabeça e continuar a viver uma vida, pois tinha que começar tudo de novo. Para mim foi surpresa, foi luta vencida. Hoje eu me sinto realizado. Hoje eu me sinto não com meus sonhos completos, pois perder a visão não é fácil, se eu disser que é fácil eu estou mentindo, mas cheguei aonde cheguei. Hoje eu digo: eu venci, ou melhor dizendo, estou vencendo. Estudo no Instituto dos Cegos da Paraíba, onde tenho um apoio excelente, onde tenho o apoio dos professores como Rodrigo, como a professora Rosy, também está ali junto conosco nos ensinando a cada dia. E Rodrigo é um professor dedicado, um professor jovem e que está aí na batalha da sua vida. Admiro muito bem Rodrigo. Rodrigo você é um professor que está ali sempre nos apoiando, junto com os outros professores, principalmente a Rosy, uma professora muito exemplar e amiga para nós. Está aqui o meu relato de um grande sofrimento, de uma grande batalha, de uma grande conquista, apesar de tudo, temos que vencer na vida para sermos felizes.

P: Roberto, muito obrigado por ter dividido essa história, por ter compartilhado essa história comigo e eu queria te perguntar agora sobre a escola onde você estuda. Então você estuda no Instituto dos Cegos, mas você vai à uma outra escola regular ou você tem aulas com os professores lá do Instituto dos Cegos mesmo? E em que ano que você está lá?

Roberto: Rodrigo, eu estudo no Instituto dos Cegos, mas o colégio, o Engro, tem parceria com o Instituto dos Cegos e os professores são do Engro. Eu não estudo fora do Instituto, não. Eu estudo no Instituto, mas ele tem parceria com o Engro e os professores vêm de lá para dar aula para nós e eu faço o 9º ano e o 8º ano e os professores são de lá mesmo e vêm para o Instituto dos Cegos.

P: Roberto, como é que está sendo o contato, a conexão com a escola neste período de pandemia? Como é que eles estão se contactando com você? Eles estão conversando com você, como é que está?

Roberto: Rodrigo, eles estão estudando *online*. Eles criaram um grupo, o EJA 4 e o EJA 3 estão colocando essas aulas *online*. Temos segunda, dois professores, terça, dois professores, quarta, dois professores, quinta, dois professores, sexta, dois professores. Nós estamos fazendo todos os trabalhos do colégio *online*. Eles enviam no grupo as questões, as atividades e nós vamos lá, olhamos, estudamos e respondemos no privado a cada um dos professores. Eles colocam lá e a gente consegue fazer pelo *WhatsApp*. Não está sendo fácil, está sendo um pouco difícil, mas estamos fazendo as atividades *online*.

P: Certo, então me fala mais um pouquinho de como estão sendo essas aulas. Os professores mandam áudios e vocês respondem com áudios? Como é que está acontecendo, me explica só mais um pouquinho.

Roberto: Eles estão mandando no áudio. Eles fazem um áudio e colocam no grupo, como eu já te falei e dali do grupo a gente tira as questões e tenta responder no privado deles. Eles mandam até cinco questões, cada professor tem a sua aula. Tem uma aula de sete e meia, que é o primeiro professor. Depois que um professor sai, entra o outro, entendeu? E cada questão de cada professor, eles mandam por áudio e a gente responde também por áudio. Só que não é no grupo, respondemos no privado dos professores. Porque estavam com dificuldade de responder no grupo. Mas é assim, a gente tenta mandar e fazer as tarefas e enviar no privado dos professores. Não é fácil, porque sabemos que na sala de aula é melhor, que estamos ali escrevendo juntos com os professores, tirando mais dúvidas e online sabemos que eles colocam lá, muito rápido. Às vezes não dá nem tempo de você responder ou de fazer, mas estamos fazendo o possível para enviar cada aula, cada horário. Temos professores de português, matemática, ciências, história e por aí vai. E estamos aí respondendo as questões, como eu já falei, pelo *WhatsApp*. Nessa epidemia que a gente está, estamos estudando todas as tarefas, eles colocam nos grupos *online* e nós tiramos as questões e fazemos as tarefas e enviamos no privado dos professores.

P: Nesses áudios que os professores mandam, eles mandam as questões que você me falou, né? As perguntas... Daí vocês respondem, mas, além disso, eles explicam algum assunto, eles explicam alguma coisa e depois passam as questões ou eles só mandam as questões e vocês pesquisam em casa? Como é que é isso que é isso que eu não entendi muito bem.

Roberto: Eles mandam as respostas e eles explicam, né? O conteúdo da história, o conteúdo da aula eles enviam a aula completa e dentro ali da aula, depois eles enviam as questões, entendeu? Ele dá aula todinha do conteúdo, explica o conteúdo todinho e dali ele manda as questões. Você tira da aula que ele colocou lá no grupo e envia para ele. Muitas vezes pesquisamos na internet, porque eles não dão, dizendo assim, praticamente, já dado o assunto

pra você ir lá e responder. Temos muitas vezes que procurar pela internet e por aí se vai, né? Eles explicam tudinho, como se fosse uma aula normal na sala de aula, escrevendo no quadro para quem enxerga e ali a gente tira as questões e a resposta mandamos pra ele e ele avalia e lá coloca as nossas notas, daquilo tudo que a gente fez, do trabalho que a gente fez, da sala de aula

P: Então, espera aí, tem uma parte da aula que é videochamada? Você falou em quadro, que o professor escreve no quadro pra quem consegue enxergar. Algumas pessoas que enxergam então, assistem, tipo, não é um áudio em si, mas uma videochamada?

Roberto: A aula em vídeo chamada, até aqui, eu acho que ele não fez para nenhum de nós. Até o professor tinha colocado, o professor Sebastião tinha colocado e perguntou para nós se nós queremos um vídeo de aula filmado, ele dando a aula e nós fazendo e ele nos vendo e eu disse a ele que não daria certo, porque ele estava vendo nós, mas nós não estávamos vendo ele. Todas as nossas aulas são por áudio, não são por vídeo, elas são por áudio, entendeu? Ele não coloca por vídeo, por chamada de vídeo, eles colocam por áudio mesmo, porque para nós fica melhor de responder, para ouvir, porque nós não estamos vendo eles, né? Tem alguns alunos que ainda pouco enxergam, mas eles não estão enviando por vídeo, é só por áudio mesmo, no *WhatsApp*.

P: Pronto, eu entendi. Daí eu queria saber se os professores estão disponibilizando materiais acessíveis para você. Porque você falou que vocês têm que pesquisar na internet para achar as respostas das perguntas, então eu queria saber se eles oferecem um site específico para vocês pesquisarem ou não... Ou eles mandam, de alguma forma, algum material para vocês?

Roberto: Eles não estão mandando os materiais porque não tem como, mas o único material que eles mandam são as aulas online. As palavras, as vozes, tudo online. Tem uns alunos que tiram fotos, né? Do que fizeram no caderno e mandam para eles, porque têm alguns alunos que ainda escrevem no caderno, mas têm uns que não escrevem, entendeu? Aí eles enviam uma foto. Nós trabalhamos mais com áudios. /.../ em educação física eu preciso de ajuda pra ver o que o professor está fazendo pra eu poder enviar para o professor o vídeo. E é assim que eu faço, eu tenho uma pessoa que me ajuda com o vídeo do professor Adailton, do exercício que ele está fazendo e dali ele passa pra mim e faz um vídeo comigo fazendo o exercício de (educação) física e envia para o professor Adailton, entendeu?

P: Entendi, entendi. Daí, me fala uma coisa: Como que os professores estão fazendo as avaliações neste momento de aula virtual? Como é que eles estão avaliando vocês?

Roberto: Eles avaliam na resposta que a gente manda para eles, certo? Ele vê as nossas respostas, ele está ali o momento todinho, na aula de cada professor e eles estão ali, observando quem errou, quem não errou, entendeu? Eles estão ali para nos ajudar, praticamente, no momento da aula. /.../ Avaliação eles dão depois, eles não estão dando nota

nenhuma ainda, porque eles só vão dar nossas notas ou no meio do ano, agora que nós estamos terminando o meio do ano ou então no final do ano, onde ele vai ver qual é o aluno que fez cada atividade, porque temos que mandar para ele para ele colocar lá uma nota, nossas atividades do dia-a-dia e avaliar cada um dos alunos. /.../ Eles não estão fazendo provas, não mandaram nenhuma prova ainda para nós fazermos. /.../

P: Aí você disse que na aula de educação física alguém na sua casa ajuda, porque tem que assistir ao vídeo e dizer o que o professor está fazendo na videoaula, né? Quem é essa pessoa que te ajuda?

Roberto: É o professor Antônio, que é o meu vizinho. Ele é muito gente boa e sempre está aqui me ajudando só na atividade de educação física, pois vê o vídeo, como o professor está fazendo e coloca pra eu fazer a atividade física, entendeu? /.../

P: Do que você mais sente falta do ensino presencial, de ir lá para o Instituto aprender?

Roberto: O que eu mais sinto falta é de estar junto com os colegas, conversando, debatendo, brincando. Na sala de aula, a presença do professor, dos alunos ali escrevendo, conversando, compartilhando aquele momento ali dentro da sala de aula. /.../ É isso, o que eu mais sinto falta é da presença dos colegas e dos professores.

P: E como é que você está conseguindo estudar inglês? Você está utilizando algum material didático específico?

Roberto: O inglês é um pouco difícil. Quando ele é numa sala de aula, ele é mais fácil de lidar com a resposta, mas como ele está sendo online, está sendo um pouco dificultoso para nós, mas a professora manda em inglês e traduz para nós em português. É aí que nós estamos lidando com a professora de inglês. /.../ Ela manda uma palavra em inglês e explica em português e, junto com ela, ela manda a gente repetir as palavras em inglês e em português.

P: Além desses áudios que ela manda, você estuda usando outras coisas? Você pesquisa em algum site, usa algum livro que alguém leia para você ou tem algum material já em Braille?

Roberto: Rodrigo, é só por áudio. Ela não envia nenhum material escrito ou em vídeo, não. /.../

P: Entendi. Como é que você acha que a escola poderia melhorar o ensino a distância para alunos cegos ou com visão?

Roberto: Eu acho, Rodrigo, que ela deveria melhorar nas atividades constantes dos alunos. Pra nós que não vemos, é diferente de quem está numa sala de aula e enxerga, pois têm muitos professores que não ajudam os alunos, eles nos tratam igual às pessoas que enxergam. Eles colocam atividades, eles não passam a mão na cabeça de nós porque nós somos

deficientes, não. Eles colocam lá, do jeito que você coloca pra quem enxerga, eles colocam também para quem não vê. As respostas, as perguntas, as tarefas... Eu acho que deveria melhorar /.../ sabe num colégio normal? Tem aluno que estuda e é deficiente visual, mas não tem melhora nenhuma, pois os professores, talvez não são capacitados de ensinar e de dar atenção que um deficiente precisa numa sala de aula. No Instituto, são diferentes, porque todos os professores ali estão para ensinar os deficientes visuais. Já numa sala de aula normal é diferente, pois os alunos estão misturados. Por mais que as professoras tentem ajudar, mas elas vão achar estranho porque nós somos deficientes visuais. Eu digo a você porque eu já passei por isso em uma sala de aula quando eu estudava no interior. Muito mal ou pouco ela dava atenção para nós, entendeu? Eles deveriam melhorar mais na atenção para o deficiente visual dentro de uma sala de aula. É isso que eu acho.

P: Entendi. Para finalizar a entrevista eu queria saber quão satisfeito você está com esse ensino a distância.

Roberto: Rodrigo, /.../ para mim a dificuldade está grande porque é diferente de você estar em uma sala de aula. Numa sala de aula, ele está ali para nos ajudar mais, para passar mais tempo explicando a aula todinha e daí tirar as questões e colocar as questões em papel é mais fácil do que você praticar a aula o tempo todinho online. /.../ Se eu disser para você que é bom, não é, pra mim, não é, mas eu também não posso dizer que é ruim, porque nisso tudo é mais um aprendizado para nós, é mais uma luta, uma batalha vencida fora da sala de aula. Porque na sala de aula é melhor. /.../ Pra mim, eu estou achando bom, porque é mais uma batalha que estamos passando, uma fase que estamos passando /.../. Pra mim eu estou satisfeito com essa atividade que eles colocaram pra nós. Pior seria se nós estivéssemos em casa sem fazer nada e não terminar um ano, um ano parado das atividades. /.../ Está sendo diferente, mas estamos tentando fazer e dar o melhor

## **C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA RESPONSÁVEL**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) responsável,

Esta pesquisa versa sobre A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA e está sendo desenvolvida por Rodrigo Pozzobon de Albuquerque Lima, aluno do Curso de Licenciatura em Língua Inglesa, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora. Dr<sup>a</sup>. Betânia Passos Medrado. O objetivo geral do estudo é: investigar como quatro alunos de inglês do Instituto dos Cegos Adalgisa Cunha (ICPAC) estão compreendendo o processo remoto de aprendizagem remoto de língua inglesa em suas escolas neste momento de pandemia. Assim, esperamos contribuir com novos saberes no que concerne à atividade docente de professores de inglês para esses alunos, ressaltando a

importância de uma formação docente que contemple a educação da pessoa com deficiência visual.

Solicitamos seu consentimento para fazer a entrevista com \_\_\_\_\_ sobre como está sendo a aprendizagem de língua inglesa em suas escolas neste período de pandemia. Também pedimos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Letras/Linguística e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome do(a) participante será mantido em sigilo.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) aluno(a) não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida que ele/ela não deve participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

O Pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para colaborar com a pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador Responsável: rodrigopozzo1@gmail.com  
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar ou mandar mensagens para o pesquisador:

Rodrigo Pozzobon de Albuquerque Lima

Telefone: (83) 996019100

Atenciosamente,

## **D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNO MAIOR DE IDADE**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ALUNO MAIOR DE IDADE**

Prezada Aluno,

Esta pesquisa, intitulada A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA versa sobre o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa a pessoas com deficiência visual e está sendo desenvolvida por um aluno do Curso de Licenciatura em Língua Inglesa da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Professora Dr<sup>a</sup> Betânia Passos Medrado.

O objetivo geral do estudo é: investigar como quatro alunos de inglês do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC) estão compreendendo o processo remoto de aprendizagem remoto de língua inglesa em suas escolas neste momento de pandemia. Assim, esperamos contribuir para a melhoria do ensino inclusivo de pessoas cegas e com baixa visão. Solicitamos a sua colaboração no sentido de autorizar e para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Letras/Linguística e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

O pesquisador e a professora coordenadora do projeto estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecida e dou o meu consentimento para colaborar com a pesquisa e para a publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do(a) Aluno(a)

---

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a Profa. Betânia Passos Medrado, através do telefone 3216-7402 – Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – UFPB

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Pesquisador Participante

## ANEXOS

## A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

## DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA DE ALUNOS CEGOS E COM BAIXA VISÃO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA

**Pesquisador:** BETANIA PASSOS MEDRADO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 34189920.9.0000.5188

**Instituição Proponente:**

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.171.278

**Apresentação do Projeto:**

Bem elaborado, tema pertinente e relevante

**Objetivo da Pesquisa:**

Coerente com a proposta de trabalho

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Inerentes a pesquisa dessa natureza, observância ao material especializado necessário à pesquisa

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Tema oportuno se em dias "normais" a dificuldade dos alunos cegos é uma realidade em tempo de pandemia é possível perceber as dificuldades ainda maiores em aulas remotas

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Atende as exigências institucionais

**Recomendações:**

Atenção a garantia do uso do material especializado necessário a pesquisa

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Nenhuma

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS  
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 4.171.278

Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

| Tipo Documento                                            | Arquivo                                       | Postagem               | Autor                  | Situação |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------|------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1575676.pdf | 24/06/2020<br>09:37:01 |                        | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf                                      | 24/06/2020<br>09:36:20 | BETANIA PASSOS MEDRADO | Aceito   |
| Folha de Rosto                                            | folharostoassinada.pdf                        | 24/06/2020<br>09:36:01 | BETANIA PASSOS MEDRADO | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | Projeto.docx                                  | 11/06/2020<br>15:29:59 | BETANIA PASSOS MEDRADO | Aceito   |

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

JOAO PESSOA, 23 de Julho de 2020

**Assinado por:**

**Eliane Marques Duarte de Sousa  
(Coordenador(a))**

**Endereço:** UNIVERSITARIO S/N

**Bairro:** CASTELO BRANCO

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

**Telefone:** (83)3216-7791

**Fax:** (83)3216-7791

**E-mail:** comitedeetica@ccs.ufpb.br